

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL  
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

REJANE GEORGINA POTT FERRANDO

PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA NA  
ATUALIDADE

CURITIBA

2014

REJANE GEORGINA POTT FERRANDO

PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA NA  
ATUALIDADE

Trabalho apresentado como requisito parcial  
à conclusão do Curso de Especialização em  
Educação das Relações Étnico-Raciais –  
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros –  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Débora Oyayomi Cristina de  
Araujo

CURITIBA

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Experiências novas são também desafios e oportunidades de superação, porém é de certa forma normal sentir um pouco de medo e insegurança, pois caminhos novos a trilhar são caminhos desconhecidos e não sabemos o que iremos encontrar durante o percurso, nem se conseguiremos chegar até o fim. Agradeço algumas pessoas que estiveram ao meu lado e me incentivaram a prosseguir sempre.

Carlos Eduardo, o responsável por eu ter iniciado o Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais, fazendo com que buscasse novos conhecimentos e por ter acreditado no meu potencial, fazendo-me acreditar na minha capacidade. Obrigada por ser companheiro e pelo incentivo.

Minha mãe e amiga, Rose, agradeço afetosamente, pois você é e sempre será minha base, orientando meus passos, ensinando valores e proporcionando suporte para que eu supere as dificuldades que encontro na vida.

Débora, minha orientadora. Que me acolheu enquanto orientanda e acreditou no meu potencial, mesmo eu, muitas vezes insegura, desacreditando. Fez-me ver novas possibilidades no andamento da pesquisa, aguçando meu olhar enquanto pesquisadora, orientando e corrigindo de forma séria, bem-humorada e ao mesmo tempo carinhosa.

A diretora e pedagoga do CMEI em que trabalho, Karin e Cristiane, respectivamente. Obrigada por disponibilizarem os livros do acervo para que pudesse realizar a pesquisa e também por responderem questões as quais tive dúvidas.

A todos os amigos, sem nomeá-los, com receio de esquecer algum. Alguns conversaram e trocaram ideias referentes ao que estava aprendendo no curso, interessados, fizeram com que refletisse melhor sobre os conteúdos assimilados. Obrigada a todos e peço que se reconheçam nele.

Dedico a todos vocês este trabalho de conclusão de curso.

Os livros não matam a fome, não suprimem a miséria, não acabam com as desigualdades e com as injustiças do mundo, mas consolam as almas e fazem-nos sonhar.

Olavo Bilac

## RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar obras da literatura infantil que contenham a temática das relações étnico-raciais, mais especificamente livros em que há personagens negros protagonistas no enredo e/ou na capa. O problema de pesquisa que motivou o presente trabalho é: houve mudanças significativas no tocante valorização da cultura afro-brasileira e africana nos livros de literatura infantil nos últimos anos? Para tanto foram analisados 22 livros de literatura infantil utilizando uma escala de ruim, bom e ótimo, com base em critérios de valorização da cultura afro-brasileira e africana. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica da área de literatura infantil e diversidade étnico-racial. Também foi realizado um breve estudo exploratório com crianças do Maternal III, em idade de 3 a 4 anos, de um Centro Municipal de Educação Infantil de Curitiba, com o objetivo de observar a reação das crianças no momento de leitura de história por parte da pesquisadora e verificar como elas reagem ao escutar as histórias com protagonistas negros, sendo que algumas delas eram adaptações dos clássicos da literatura infantil clássicos, por exemplo. Nos resultados analisados foi possível verificar um relativo aumento de livros para o público infantil com personagens protagonistas negros em comparação com pesquisas anteriores, sugerindo mudanças no mercado editorial brasileiro, motivados em grande parte pela legislação em prol da Educação das Relações Étnico-Raciais, indicando que o livro de literatura infantil pode ser um instrumento de combate ao preconceito e ao racismo.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Relações Étnico-raciais. Personagens negros. Cultura Afro-brasileira

## LISTA DE GRÁFICOS E QUADRO

GRÁFICO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS OBRAS .....	53
GRÁFICO 2 – COR/ETNIA DOS AUTORES .....	53
GRÁFICO 3 – COR/ETNIA DOS ILUSTRADORES .....	54
GRÁFICO 4 – CARACTERÍSTICAS TIPOGRÁFICAS DAS OBRAS .....	55
GRÁFICO 5 – CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DAS OBRAS .....	55
QUADRO 1 – RELAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS, EDITORA E ANO DE PUBLICAÇÃO .....	56

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO 1. LITERATURA INFANTIL .....	12
CAPÍTULO 2. RELAÇÕES RACIAIS E LITERATURA INFANTIL .....	18
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DAS OBRAS .....	26
CAPÍTULO 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	48
4.1 Estudo exploratório .....	48
4.2 As obras literárias.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	57
REFERÊNCIAS.....	64

## INTRODUÇÃO

Considerando a necessidade de constante aprimoramento profissional, ao ingressar na especialização de Educação das Relações Étnico-Raciais fiquei muito motivada em preencher a lacuna que existia na minha formação acadêmica, para me sentir mais segura em propor e realizar atividades com meus alunos quanto às questões referentes à cultura africana e afro-brasileira, sua história e as contribuições na construção do Brasil.

Cursei o magistério e posteriormente, pedagogia. Antes de ingressar na Prefeitura Municipal de Curitiba, trabalhei durante dois anos em uma Ong (Organização não governamental), com crianças em idade de 7 a 12 anos, realizando atividades de contra turno escolar, recreação, artes e literatura.

Mais tarde optei por atuar na Educação Infantil do Município, na qual estou inserida há 9 anos, tendo a oportunidade de trabalhar com todas as faixas etárias que contemplam a primeira etapa da educação básica, ou seja, dos 3 meses aos 5 anos de idade. A cada ano adquirei mais conhecimentos e experiências no trabalho pedagógico.

Na especialização me deparei com muitas novas informações que auxiliaram em minha profissão e enquanto ser humano. Passei a observar e compreender particularidades que antes passavam despercebidas, coisas que não questionava, como, por exemplo, a figura do negro na mídia, as formas de dominação eurocêntrica no currículo escolar e o preconceito racial de marca. Tantos conhecimentos fizeram com que refletisse e buscasse mais informações que acabei obtendo, inclusive, em conversas com colegas do curso de especialização.

Em uma dessas conversas, uma colega de sala disse que havia adquirido livros de literatura infantil e que pôde perceber algumas evoluções com relação aos personagens negros. O interesse em saber quais eram essas mudanças foi o motivador para o desenvolvimento desse tema na monografia.

Enquanto educadora de CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) do Município de Curitiba, percebi que pesquisar e analisar obras da literatura infantil enriqueceria meu trabalho com crianças de 0 a 5 anos de idade, ampliando e aperfeiçoando o conhecimento sobre as relações étnico-raciais, bem como aguçar

minha visão crítica sobre a qualidade dos enredos e as imagens, ampliar meu repertório com relação aos livros com temática étnico-racial publicada.

Como afirma Ione da Silva Jovino (2006, p. 181):

Contar histórias é algo que nos remete ao início da existência humana, pois podemos pensar que a atividade de contar histórias nasceu junto com a necessidade de comunicar aos outros alguma experiência que poderia ter significação para todos. É comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas. Concentra-se aqui um dos pontos da íntima relação entre a literatura e a oralidade.

A leitura realizada por um adulto ou pela própria criança pode proporcionar fruição, estimular a imaginação, a criatividade, o faz de conta e as emoções. Com a literatura infantil podemos nos entreter, descobrir coisas novas e mexer com sentimentos, bem como conflitos, e, sendo o livro, para Fúlvia Rosemberg (1984, p. 18) “um dos inúmeros agentes do processo de socialização e a mensagem que contém assume a função de ensinamento real ou virtual”.

A análise da literatura infantil pode ser por várias frentes: desde a investigação do caráter lúdico da obra, sua qualidade literária ou temática, por exemplo. No caso do presente estudo, o interesse é de analisar obras da literatura infantil que contenham a temática das relações étnico-raciais, mais especificamente livros em que há personagens negros protagonistas no enredo e/ou na capa, observando e refletindo sobre as mudanças que ocorreram com personagens negros no período de 2003, ano em que foi mudado o artigo 26A da LDB, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as disciplinas, com ênfase na Literatura, Arte e História, até 2013, data referente ao ingresso da pesquisadora no curso de especialização.

Na abordagem dos personagens negros e a presença dos mesmos nos livros para o público infantil, por ser ainda recente essas mudanças, existe a necessidade de se pesquisar, refletir e publicar trabalhos acadêmicos que abordem essa temática, no sentido de produzir-se um campo de estudos que contribuam para um efetivo trabalho condizente com a LDB.

Uma pesquisa realizada em 2010-2011 será utilizada como referência metodológica: trata-se da análise desenvolvida por Débora Oyayomi Cristina de

Araujo e Paulo Vinicius B. da Silva (2012)<sup>1</sup>, cujo objetivo foi “traçar um panorama da produção literária brasileira para crianças pequenas que apresentam em alguma medida personagens negras ou temáticas relacionadas à cultura e história africana e afro-brasileira” (ARAUJO; SILVA, 2012, p. 194). Os autores utilizaram uma escala para avaliar a qualidade das obras em relação à valorização da cultura afro-brasileira e africana com os seguintes itens: ótimo, muito bom, bom, razoável e ruim. E os utilizados para tais classificações foram:

[...] presença e importância de personagens negras; se personagens principais; grau de ação na trama; uso de linguagem; se narradoras/es; ilustrações com valorização de aspectos fenotípicos ou com uso de símbolos relacionados com africanidades; temas relativos à história ou cultura africana ou africana da diáspora; qualidades estética e literária; temas relativos a vivências de personagens africanas ou africanas da diáspora; ausência de estereótipos nos textos e nas ilustrações; ausência de hierarquias entre personagens brancas e negras; não presença da/o branca/o como representante exclusivo de humanidade (branquidade normativa) (ARAUJO; SILVA, 2012, p. 211).

O presente estudo incorporou alguns dos critérios de Araujo e Silva (2012), acrescentando outro: construção e consolidação positiva da identidade da criança negra. E no tocante aos itens de avaliação (ótimo, muito bom, bom, razoável e ruim), a presente pesquisa reduziu-os para três: ótimo, bom e ruim.

Procurou-se observar nas ilustrações se há valorização de traços fenotípicos negros, bem como a retratação em relação ao ambiente em que se encontram e se aparecem felizes. Analisou-se nos enredos:

- se existe formação familiar e sua qualidade do ponto de vista da afetividade;
- se a história pode auxiliar na superação do racismo e discriminação racial;
- se contribuem para a construção positiva da identidade racial da criança negra, do fortalecimento e da consolidação de sua autoestima;
- se apresentam elementos da cultura afro-brasileira e africana com palavras da etimologia africana, contos e expressões artísticas, superando o ideário branco/eurocêntrico.

---

<sup>1</sup> Também foi utilizado o relatório da pesquisa de Araujo e Silva que deu origem ao artigo. Como se tratou de um relatório interno, fruto de uma pesquisa desenvolvida por algumas instituições, dentre elas a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), não será feita referência direta a ele, embora se ressalte que o formato de organização da análise dos livros da presente pesquisa foi inspirada no referido relatório.

Diante desse contexto, a pergunta que motiva o presente trabalho é: houve mudanças significativas no tocante valorização da cultura afro-brasileira e africana nos livros de literatura infantil desde a publicação da pesquisa de Araujo e Silva (2012)?

A proposta do primeiro capítulo é contextualizar o surgimento da literatura infantil na Europa e sua produção inicial no Brasil. Posteriormente, serão analisados alguns contextos sobre a representação de personagens negros no início da literatura nacional.

O segundo capítulo discutirá aspectos das relações raciais no Brasil e seu reflexo na literatura infantil, desde o interesse por parte das editoras em publicar livros com a temática étnico-racial e a diversidade, as africanidades como os elementos da cultura afro-brasileira e africana, as referências adquiridas pelas crianças através da visualização das imagens e sua contribuição na formação de sua identidade racial positiva, bem como o fortalecimento e consolidação da autoestima, superando a hierarquização racial e dominação da cultura eurocêntrica e a sua ideologia de padrões de beleza do branqueamento.

No terceiro capítulo será apresentada a análise de vinte e dois livros de literatura infantil, na tentativa de atualizar a pesquisa bibliográfica de Araujo e Silva (2012), avaliando as obras no referencial de valorização afro-brasileira / africana, utilizando os critérios classificados em: ruim, bom e ótimo. Além disso, serão apresentadas análises específicas sobre a faixa etária atendida por tais obras, o pertencimento étnico-racial dos autores e ilustradores.

O quarto e último capítulo dedicará a primeira parte a analisar aspectos do acervo da biblioteca de um Centro Municipal de Educação Infantil de Curitiba, como forma de interpretar como a literatura acessível a crianças da educação infantil coaduna com os preceitos da LDB no tocante à Educação das Relações Étnico-Raciais. Na segunda parte serão desenvolvidas interpretações sobre as obras analisadas no capítulo anterior, buscando verificar quais os avanços e limites na recente produção literária infantil com personagens negras.

Por fim, nas considerações finais serão refletidos aspectos relacionados à produção literária como instrumento de emancipação e sua importância para a formação de sujeitos emancipados e conhecedores da diversidade da sociedade em que vivem.

## CAPÍTULO 1. LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil, tal como conhecida atualmente, pode ser considerado um fenômeno de manifestação artística recente, pois se constituiu como gênero literário durante o século XVIII, com especificidades que buscassem suprir as necessidades dos leitores infantis da nova classe em ascensão, a burguesia. Nelly Novaes Coelho (1991) afirma que é “na França, na segunda metade do século XVII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o ‘Rei Sol’, que se manifesta abertamente a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens” (COELHO, 1991, p. 75).

Mesmo o “berço” da literatura infantil sendo à França, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1987, p. 18) explicam que “embora as primeiras obras tenham surgido na aristocrática sociedade do classicismo francês, sua difusão aconteceu na Inglaterra, país que, de potência comercial e marítima, salta para a industrialização”.

Na Europa ocorreram transformações econômicas e sociais que substituíram o sistema medieval feudal, que era rural, pelo sistema capitalista, que é urbano e preocupado com a instituição familiar. Nesse contexto surge a escola com papel importante na preparação e capacitação da criança para o futuro, para a vida adulta, unindo, assim, a literatura infantil com a pedagogia.

Os teóricos da literatura infantil dizem que ela começou com pedagogos e é por isso, geralmente, educativa, transmissora de ideologia, portadora de verdades que os adultos querem transmitir às crianças, e outros argumentos do gênero (GONÇALVES, 2000, p. 9).

Outra característica, como bem afirma Coelho (1991, p. 75) “é essa uma literatura que resulta da valorização da Fantasia e da Imaginação e que se constrói a partir de textos da Antiguidade Clássica ou de narrativas que viviam oralmente entre o povo”.

Vários estudiosos da literatura infantil chamam a atenção para o fato de ter havido um período em que a produção para criança era apenas oral. Posteriormente, tais relatos conheceram a forma escrita. Há casos em que a literatura escrita para crianças passou a ser de alcance geral, como aconteceu com as *Fábulas* de La Fontaine. Outras vezes, as obras foram escritas para adultos, porém a criança delas se apropriou, conforme ocorreu com *Robinson Crusoe*, de Defoe, e com *A viagens de Gulliver*, de Swift, por exemplo (GONÇALVES, 2000, p. 23, grifos da autora).

Os principais autores e algumas de suas obras de literatura infantil são: Perrault, com “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida” e “O Gato de Botas”; os Irmãos Grimm, com “A gata borralheira”, “Branca de Neve”, “Músicos de Bremen” e “João e Maria”; Andersen, com “Patinho Feio”, “O soldadinho de chumbo”, “A roupa nova do Imperador” e “A pequena sereia”; La Fontaine, com “O Lobo e o Cordeiro”, “O Leão e o Ratinho” e “A Cigarra e a Formiga”.

A criança era vista como um adulto em miniatura e não havia, portanto, um conceito de infância. Com essa modificação de valores e padrões, a criança passou a representar uma nova categoria para a sociedade, com atenção especial à valorização da afetividade e ao reconhecimento de seus conflitos próprios da idade, que deveriam ser analisados considerando sua faixa etária e estágio de desenvolvimento de aprendizagem. De acordo com Heloisa Pires Lima (2005, p. 102), “[a] literatura é, portanto, um espaço não apenas de representação neutra, mas de enredos e lógicas, onde ‘ao me representar eu me crio, e ao me criar eu me repito”’.

A literatura infantil, como afirma Rosemberg (1984, p. 171):

[...] produzida em determinado momento histórico é também o produto de modelos de literatura e de literatura infantil vivenciados pelo criador. Além dos modelos de relação adulto-criança assimilados pelo convívio social geral, existiriam modelos de relação adulto criança inerentes à própria literatura infanto-juvenil.

A literatura infantil é um elemento que auxilia na estruturação do universo interior da criança e agrega diversos tipos de textos, como: cantigas, fábulas, mitos, lendas e contos de fadas, sendo que esse último tem a presença de elemento mágico e apresenta como padrão uma conduta a ser seguida:

A contação de histórias é um dos meios mais antigos de interação humana, usada desde os primórdios da humanidade para transmitir valores morais, conhecimentos; para estimular a imaginação e a fantasia; e, contemporaneamente, para disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura (ARAÚJO; MORAIS, 2014, p. 4).

Assuntos tratados nas histórias infantis seguem tendências políticas, econômicas e culturais vigentes à época de sua criação e publicação. Alguns momentos históricos são relevantes para a literatura infantil brasileira, ressaltando-

se a maneira como as personagens negras foram retratadas. No Brasil, a literatura infantil se destaca em quatro fases.

A primeira fase é referente ao final do século XIX e início do século XX, época da modernização do país e da escola, com incentivos de valores patrióticos e obras estrangeiras que foram traduzidas e adaptadas para o público infantil, porém, sem a preocupação com a vivência dos brasileiros.

Os textos que justificam as queixas de falta de material brasileiro são representados pela tradução e adaptação de várias histórias europeias que, circulando muitas vezes em edições portuguesas, não tinham, com os pequenos leitores brasileiros, sequer a cumplicidade do idioma. Editadas em Portugal, eram escritas num português que se distanciava bastante da língua materna dos leitores brasileiros (ZILBERMAN, 1987, p. 31).

Em 1808, houve a implantação da Imprensa Régia, mas os primeiros livros de literatura infantil só foram publicados no fim do século XIX. No início eram traduções e adaptações do acervo literário europeu. Os pioneiros foram Carlos Jansen, com as traduções de “Contos seletos das mil e uma noites” (1882), “Robison Crusóé” (1885), “Viagens de Gulliver” (1888), entre outros; Alberto Figueiredo Pimentel, com as adaptações “Contos da Carochinha” (1984), “Contos de fadas”, “Histórias da avozinha”, “Histórias da baratinha” (1896), “Álbum das crianças”, “A queda de um anjo”, “Teatrinho infantil” (1897), entre outros. Arnaldo de Oliveira Barreto inaugurou como adaptador a Biblioteca Infantil Melhoramentos com a história “O patinho feio”.

Essa literatura era conservadora e pedagógica, como explica Jovino (2006, p. 187):

A literatura dirigida ao público infantil começa a ser publicada no Brasil nos fins do século XIX e início do século XX. No início tinha fins didáticos, ou seja, eram publicações destinadas à educação formal, à moralização, ou à evangelização de crianças e jovens.

A segunda fase é de 1920-1945, e, nesse período o Brasil possuía um alto índice de analfabetismo. Com relação à literatura, Monteiro Lobato criou inovações, aproximando seus personagens com o povo brasileiro e privilegiando o folclore e lendas no espaço rural. E Maria Antonieta Antunes Cunha (1998) explica que com as obras de “Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação” (CUNHA, 1998, p. 24).

Já Regina Zilberman considera que:

Entretanto, nem sempre as histórias são efetivamente brasileiras. Com efeito, a maior parte delas provém do folclore ibérico, tendo sido transmitidas desde a colonização. Trata-se, portanto, de contrafações do conto de fadas europeu, que não absorveram peculiaridades locais, nem incorporaram elementos das demais culturas — a indígena e a negra — que tomaram parte na formação da população nacional. Apresentadas por um narrador preto, essas histórias passam por um branqueamento. Mas a ingenuidade de sua estrutura narrativa é atribuída à sua procedência popular ou às qualidades do narrador, características que mascaram a falta de inventividade dos textos, bem como a inverossimilhança e pobreza dos enredos. Esses aspectos são objeto da crítica de Monteiro Lobato, em *Histórias de Tia Nastácia*. As acusações, expressas pelos ouvintes, Emilia e as demais crianças do sítio, teriam como alvo os escritores contemporâneos, o que é sugerido pela coetaneidade entre seu livro e o de Lins do Rego, Orico e outros. Da mesma maneira, a agressividade dos meninos, atingindo Tia Nastácia e a cultura popular que ela parece encarnar, destina-se especialmente às componentes mais comuns das obras dos colegas (ZILBERMAN, 1987, p. 71).

Os temas enfatizados eram de espírito nacionalista, exploração da tradição popular, sempre com cunho educativo, usando fábulas e personagens de bichos e bonecos animados.

Mas os personagens negros só aparecem a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro (JOVINO, 2006, p. 187).

A terceira fase abrangeu as décadas de 1950 e 1960, com movimentos de educação popular, objetivando a alfabetização da população. Na literatura infantil o que predominava era o caráter conservador e patriótico, usando temas de um Brasil urbano, ou seja, a valorização da modernidade, pois é um período de crescente aumento da população urbana, ao mesmo tempo em que se consolidavam as fábulas e contos de fadas, além de narrativas com predominância de histórias em campos e florestas nacionais.

A efabulação se tece geralmente com travessuras do dia-a-dia na cidade ou no campo. Continua a valorização do folclore e do mundo natural, visto como o espaço propício a um viver mais autêntico. Os valores éticos sugeridos prendem-se também ao tradicional maniqueísmo que estabelece nítidas fronteiras entre certo/errado, bom/mau, etc. (COELHO, 1991, p. 250).

A literatura infantil também está vinculada com a ideologia vigente da época, a ditadura militar, e tinha ênfase nos textos folclóricos ou histórias e contos de fadas tradicionais. Coelho afirma (1991, p. 254) que “[v]ista em conjunto, a produção literária para crianças e jovens, nos anos 60, entre nós, aparece como uma espécie de preparação de terreno para o grande surto criador que se dá nos anos 70.”

A quarta fase realizou-se nas décadas de 1970 e 1980, através de grandes transformações na literatura infantil (o chamado *boom* da literatura infantil), pois ela estava ambientada em histórias próximas da realidade e do dia a dia do povo brasileiro, também resgatando o folclore oral, como modinhas infantis, brincadeiras de roda e canções de ninar. Coelho (1991), por sua vez reconhece que “[a] Literatura volta a ser avaliada como expressão ideal do homem, de seu conhecimento de mundo e de suas experiências essenciais, dignas de serem transmitidas para conhecimento de todos” (COELHO, 1991, p. 262).

Os temas abordados naquela época tiveram ênfase na ficção científica e em críticas sociais, desde a pobreza, injustiça, miséria, marginalização, autoritarismo e preconceito.

[...] vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência. O resultado dessa proposta de representação (JOVINO, 2006, p. 187).

Já na atualidade os livros de literatura infantil permanecem sendo um veículo de circulação de informações, normas de como agir e regras morais a serem seguidas, também estão ganhando mais destaque nos aspectos gráficos, pois as ilustrações estão reforçando os significados da linguagem verbal. Como argumenta Coelho (1991, p. 264):

Analisando a natureza dessa literatura mais recente, conclui-se que hoje *não há um ideal absoluto* de Literatura Infantil (nem de nenhuma outra espécie literária) [...]. Vista em conjunto, a atual produção de Literatura destinada às crianças e jovens, entre nós, apresenta três tendências mais evidentes: a *realista*, a *fantasista* e a *híbrida*. O que talvez seja *novo* em qualquer delas é a busca de sua *identidade cultural*, em que o Brasil contemporâneo está empenhado (grifos da autora).

Desse modo encontramos livros comprometidos com as relações étnico-raciais na literatura infantil com personagens negros protagonistas, vivendo situações cotidianas, valorizando sua ascendência e cultura.

Na literatura infantil existe a tradição da temática da fantasia, em que o bem se sobrepõe ao mal, seja ela nos contos de fadas, fábulas e outras narrativas textuais. E, outra temática contemporânea utilizada pelas editoras é a de temas transversais, como explica Aparecida Paiva (2008, p. 43) cuja finalidade é de “intenção pedagógica e educativa no trabalho com a literatura”, bem como a aquisição de conteúdos de aprendizagem.

Há ainda uma terceira temática que aborda temas mais complexos e delicados, como o abandono, a morte e a separação, por exemplo. Essa literatura com temas da realidade refere-se, como nos diz Paiva (2008, p. 44), a uma “tentativa de enfrentamento de questões fundamentais da existência humana que atingem crianças com intensidade semelhante à que atinge os adultos”.

Atualmente, utilizam-se na literatura infantil várias linguagens, como histórias em quadrinho e imagens atraentes, porém para Paiva (2008) alerta:

[...] para que essa reivindicação seja consequente, a função de reforço das instituições, especialmente da escola, e a reprodução de padrões morais vigentes exercida pela literatura infantil, precisa ser confrontada e redimensionada em direção a outra perspectiva apontada na crítica, na desconstrução simbólica, na constante procura do aprimoramento e crescimento social. Seu poder formativo e sua força estruturante precisam ser resgatados. O que vale dizer: as temáticas eleitas mudam. Temáticas são discursos produzidos, e os discursos se alteram quando proferidos por diferentes sujeitos, em diferentes tempos. E, sim, a literatura é ensinável; a literatura infantil é escolarizada, inevitavelmente (PAIVA, 2008, p. 52).

Neste sentido, cabem às pesquisas sobre literatura infantil desenvolverem constantes investigações acerca das temáticas que têm sido eleitas e aquelas que são preteridas. O panorama da representação de personagens negros, por exemplo, é um aspecto que deve ser constantemente analisado no sentido de identificar avanços ou retrocessos no tocante à valorização da diversidade étnico-racial.

O capítulo seguinte buscará analisar com mais ênfase esse aspecto.

## CAPÍTULO 2. RELAÇÕES RACIAIS E LITERATURA INFANTIL

A África é um continente com mais de 50 países, possui estrutura política, econômica, social, cultural e linguística muito diversificada. A literatura infantil possibilita para as crianças de forma lúdica, conhecimentos e experiências sobre outros costumes, hábitos e paisagens, bem como refletir sobre a vida, os sentimentos e a identificação com os contextos e personagens. Isso será incorporada pelos leitores infantis.

Africanos e afrodescendentes constituíram a massa trabalhadora durante todo o período da colonização brasileira. Essa mão-de-obra executou todos os tipos de ofícios e realizou todas as formas de trabalho existentes, formando a população majoritária e fornecendo a base cultural do país, em associação com povos de outras origens. Os africanos vieram com conhecimentos técnicos e tecnológicos superiores aos dos europeus e aos dos indígenas para as atividades produtivas desenvolvidas no país durante o período de Colônia e Império, o que tornou esta mão-de-obra africana responsável pelas atividades de trabalho desenvolvidas durante este período histórico. Em todos os campos, da agricultura à mineração, à manufatura, à pesca e ao comércio (CUNHA JÚNIOR, 2005, p. 249).

Durante um período de quatrocentos anos de escravização, negros, aproximadamente seis milhões de pessoas trazidas da África para o Brasil à força atuaram na consolidação do Brasil como nação e acrescentaram ao longo desses séculos sua cultura e formas de vida, mas ao mesmo tempo essas representações foram ocultadas e até mesmo negadas. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2005, p. 156) nos diz que

[a]s Africanidades Brasileiras vêm sendo elaboradas há quase cinco séculos, na medida em que os africanos escravizados e seus descendentes, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as destes.

Por essa razão, torna-se relevante a necessidade de publicações de livros que abordem as africanidades, afinal, convivemos com os mais variados traços da cultura africana em nosso dia a dia, como palavras de origem banto, por exemplo, algumas brincadeiras, gastronomia e outros costumes e expressões artísticas que foram repassados através das gerações.

Nas obras infanto-juvenis contemporâneas, podemos encontrar textos oriundos da tradição oral africana, por exemplo, adaptações feitas a partir

dos mitos, das lendas e de contos. É também comum encontrar histórias que nos permitem ver uma ressignificação da personagem negra. Elas passam a ser personagens principais, cujas ilustrações se mostram mais diversificadas e menos estereotipadas, fugindo da representação do primeiro momento, em que aparecia sempre de lenço e avental. Nas narrativas aparecem e passam por faixas etárias diferentes: crianças, adolescentes, mulheres negras. Um outro traço relevante é a ênfase na importância da figura da avó e da mãe na vida das personagens. Podemos notar uma valorização de um outro tipo de beleza e estética, diferentemente do segundo período em que se valorizava a beleza com traços brancos. As personagens negras são representadas com tranças de estilo africano, penteados e trajes variados (JOVINO, 2006, p. 189).

Quando assistimos a filmes, comemos uma comida típica de alguma região, ouvimos músicas ou lemos um determinado livro, estamos apreciando conhecimentos e saberes sobre várias culturas, ou seja, estamos convivendo com a diversidade. A criança é exposta a esses conhecimentos desde bebê, já que ela percebe o mundo através do toque, degustando, observando, ouvindo, experimentando, enfim, aprende e conhece coisas novas a todo tempo, aprende de forma naturalizadas sobre diferentes culturas, estéticas e costumes.

As crianças refletem comportamentos adquiridos nos diferentes contextos sociais em que se encontram, desde o familiar, sua comunidade e até mesmo as suas relações de amizade, ou seja, acabam reproduzindo atitudes e preconceitos, que nem ao menos sabem como surgiram e o porquê de existirem, mas que também não são estáveis e mudam ao longo do tempo.

Ao se discutir a natureza das relações étnicas vários autores observam que elas ganham maior visibilidade em sociedades multiétnicas, isto é, que compreendem numerosos grupos raciais, religiosos e culturais. Tal diversidade pode ser chamada de étnica quando inclui diferenças linguísticas, religiosas, raciais e culturais entre os grupos (SILVÉRIO, 2005, p. 142).

Cada criança tem sua individualidade, referenciais e valores familiares próprios que podem ser ampliados através da aquisição de novas formas de conhecimentos das relações humanas, sendo a literatura infantil uma maneira de chegar a essa amplitude e a

constituição de um sujeito e a construção de seu pertencimento a determinado grupo não ocorre apenas a partir de sua aparência física. Sabe-se que o processo de construção do pertencimento de uma pessoa a um grupo é mais complexo. Ele se dá por meio de sua trajetória de vida, sua cultura, suas relações sociais, posição de classe, local geográfico no qual está inserido, entre outras variáveis, situações que são formadoras de identidade (DIAS, 2007, p. 50-51).

Os livros infantis transmitem de forma lúdica vários conceitos e conhecimentos sobre essas questões que aos poucos as crianças irão observando, questionando e assimilando através do convívio familiar, nas relações de amizades, na comunidade em que estão inseridas, bem como seu modo de vida. Como explica Kabengele Munanga (2005, p.15) “a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral”.

A criança negra vem sendo representada de forma positiva quanto a sua estética e valores culturais nos livros infantis analisados, tendo seus traços fenotípicos valorizados, promovendo seu pertencimento étnico racial e fortalecendo sua autoestima. Elas também estão aparecendo inseridas em um contexto e composição familiar com relações de afetividade entre seus membros.

Contemporaneamente, alguns dos textos dirigidos ao público infantil e juvenil buscam uma linha de ruptura com modelos de representação que inferiorizem, depreciem os negros e suas culturas. São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando, de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana (JOVINO, 2006, p. 188).

Analisar, observar e apreciar as ilustrações dos livros de literatura infantil aguça os olhos para a linguagem artística, proporcionando prazer e estimulando a imaginação.

Se a literatura infantil se destina a crianças e se se acredita na qualidade dos desenhos como elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre os pequenos leitores, fica patente a importância da ilustração nas obras a eles dirigidas (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p. 13).

Percebe-se a riqueza dos detalhes e como é importante a publicação de livros com qualidade e bem ilustrados, pois a união de um bom enredo e de imagens criativas e não estereotipadas aumentam a fruição. De acordo com Lima (2005, p. 101) “as imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado”.

O estereótipo da cultura eurocêntrica é muito forte e ainda ditam regras e padrões que a sociedade aceita e reproduz sem questionar, pois elas estão enraizadas na mentalidade da sociedade brasileira.

Nós brasileiros, independente de classificação cor/raça, somos todos filhos de uma estrutura social racista, onde desde criança nos é inculcada uma série de crenças, valores e estereótipos negativos sobre o negro e sua cultura, que se não forem trabalhados e desconstruídos, desde a mais tenra idade, seguirá sendo reproduzida por várias outras gerações seguintes. (ARAÚJO; MORAIS, 2014, p. 7).

Os recentes dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a maioria da população brasileira, mais de 50% é negra, ou seja, composta por cidadãos pardos e pretos, mas essa porcentagem de indivíduos não se faz representada nos meios midiáticos. O branco ainda é tido como padrão para a sociedade e isso se reflete nas imagens das histórias infantis.

Apesar de que 50,7% da população brasileira sejam não-brancos, as crianças negras, leitoras como as brancas, de livros que são referências para a sua compreensão do mundo, são muito pouco neles representadas como protagonistas. A sua presença é comumente associada a empregos que são socialmente desvalorizados (ARENA; LOPES, 2014, p. 3).

Na região do Paraná, de onde se origina a presente pesquisa, descendentes de famílias de imigrantes europeus e asiáticos geralmente conhecem sua ancestralidade, suas origens, aceitando-as e assim reafirmando-as. Porém os indivíduos negros, os quais seus ancestrais foram capturados e explorados, tiveram sua história e cultura ocultadas ou negadas, bem como o acesso aos bens materiais e bens simbólicos gerais da sociedade. Isso não deixou de ter sido uma estratégia para submissão dos africanos e de seus descendentes aqui estabelecidos, como também para uma maior preservação das etnias europeias, ou seja, tal tática atuou como um instrumento de dominação. Como afirma Oracy Nogueira (2006, p. 297):

Assim, no Brasil, há uma expectativa geral de que o negro e o índio desapareçam, como tipos raciais, pelo sucessivo cruzamento com o branco; e a noção geral é de que o processo de branqueamento constituirá a melhor solução possível para a heterogeneidade étnica do povo brasileiro. Diante de um casamento entre uma pessoa branca e uma de cor, a impressão geral é a de que esta última foi 'de sorte' enquanto aquela ou foi 'de mau gosto' ou se rebaixou, deixando-se influenciar por motivos menos confessáveis. Quando o filho do casal misto nasce branco, também se diz que o casal 'teve sorte'; quando nasce escuro, a impressão é de pesar.

Desse modo, considera-se ser branco como o “normal”, é o “padrão”, o que é chamado de branquidade normativa. Tudo o que não é “padrão” acaba sendo subentendido como inferior.

Por meio de inúmeros mecanismos de negação e exclusão, os não-brancos estão constantemente à margem da sociedade brasileira; ser branco tornou-se, no imaginário social, o exemplo de portar características positivas. No Brasil, o caminho encontrado para um domínio maior sobre o negro foi feito por meio da manipulação da consciência identitária, com a mistura dos critérios ideológicos culturais e raciais. Portanto, a valorização do branco pode ser notada na representação positiva na literatura infantil, expressa pelas vozes das crianças, sujeitos da pesquisa (ARENA; LOPES, 2014, p. 9).

A criança ao ler uma história pode refletir sobre o processo e consolidação da discriminação racial. Ela possui potencialidades e é receptível a essas mensagens, na aquisição de conhecimentos e aprendizagens. Por isso, livros de literatura infantil que trazem em seu enredo e ilustrações elementos e contos da cultura africana podem atuar em duas frentes: possibilitado à criança negra a reafirmação e valorização de sua cultura, e à criança branca conhecer essa cultura em um processo de valorização.

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras (BRASIL, 2004, p. 16).

Romper padrões pré-estabelecidos pela sociedade sobre modelos raciais com a visualização e ingresso do negro em vários espaços sociais, profissionais, representações midiáticas como outdoors, livros, revistas, programas de televisão, enfim, ocupando lugares e meios historicamente tidos como espaços ocupados maciçamente por indivíduos brancos e elitizados, proporcionam a superação de preconceitos raciais de superioridade ou inferioridade. Esse processo conflituoso é, inúmeras vezes, silencioso, pois quem obtém o controle desses espaços sociais não abre mão desse domínio e acaba barrando acessos. Como diz Maria Anória de Jesus Oliveira (2003, p. 55) na literatura

[é] óbvio que as manifestações artísticas representam as 'relações sociais', conforme o ponto de vista do artista, e os personagens são os seres que possibilitam a leitura de tais relações. Mas eles também representam outras relações e, entre elas, aquelas voltadas para a problemática étnico-racial, ou seja, como personagens negros e brancos se relacionam, o papel que desempenham, o preconceito racial, a depreciação e a valorização de uns e outros nas tessituras dos textos (OLIVEIRA, 2003, p. 55).

Autores e ilustradores podem contribuir para o rompimento de padrões eurocêntricos de dominação impostos pela sociedade ao longo de séculos, num processo de hierarquização racial.

Quem escreve o faz como ser integral, impedido que está de despir, mesmo provisoriamente, aquilo que lhe constitui a essência. Como homem, o escritor é um ser plenamente constituído, e os elementos ideológicos não são parte descartável durante o ato criador. Isto não significa que a literatura deva servir como veículo de propaganda e que, portanto, os possíveis engajamentos do autor devam estar subordinados ao propósito maior da criação artística. (GONÇALVES, 2000, p. 17)

A visualização do negro em livros possibilita a quebra de preconceitos, enfim, dessa forma inicia-se um processo de superação de padrões de “superioridade” e “inferioridade” entre as raças.

O racismo no Brasil teve uma forma muito peculiar de transmissão. Para que não fosse claramente percebido, se instalou como mensagens subliminares nos meios de comunicação de massa e nos relacionamentos estabelecidos diariamente na sociedade. Infelizmente, essa forma de transmissão chegou às crianças menores por meio dos materiais utilizados na escola e também pela falta de preparo dos professores. Dessa forma, foram estabelecidas relações de poder entre as raças, pois pelo fato de os não brancos aparecerem sempre subalternizados e inferiorizados nesses materiais, criou-se um imaginário da superioridade da raça branca, e aí se iniciaram as diferenciações e distinções entre os grupos (OLIVEIRA, 2010, p. 45).

O racismo é, constantemente, propagado através de atitudes, brincadeiras e formas de se expressar. A representação estereotipada no enredo e ilustrações de livros de Literatura Infantil colabora para a propagação do racismo e preconceito racial. Para Véra Neusa Lopes (2005, p. 188), as “pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercer a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola”.

O racismo no Brasil é um fenômeno ideológico. Constitui-se pela aparência do corpo, do que é visível, baseia-se nos traços que a pessoa possui, seu fenótipo, a

cor da pele, e, acontece de maneira classificatória, em que irá incluí-la ou excluí-la da sociedade, nas relações sociais.

Porém todos são “iguais” perante a lei, o que é uma hipocrisia, pois o racismo ainda sobrevive aos tempos. É transmitido através das gerações, em forma de preconceitos, discriminações e estereótipos em que crianças brancas também são vítimas:

[...] a criança branca aprende, por meios dos textos sociais (fala, imagem, olhares, sorrisos, etc), que possui algo em seu corpo que lhe atribui vantagem, sobre os não-brancos. Aprendem sobre o bonito e feio e classificam a si mesmas e aos outros com tais critérios. É bonita uma criança de olhos azuis? Quem recebe mais elogios, a criança de cabelos loiros ou a criança de cabelos pretos? E se forem crespos esses cabelos? (OLIVEIRA, 2010, p. 204).

O “racismo científico” foi inspirado em teorias racialistas europeias da primeira metade do século XIX e no Brasil a tese de branqueamento surgiu como “uma forma de conciliar a crença na superioridade branca com a busca do progressivo desaparecimento do negro, cuja presença era interpretada como um mal para o país” (JACCOUD, 2008, p. 49).

Classificar e designar que ser branco é “bom” e ser negro é “ruim” é muito comum ainda hoje em nossa sociedade sua consolidação é feita através da imagem, aumentando o preconceito racial, que em nosso país convencionou-se, a partir da pesquisa de Nogueira (2006, p. 292), chamá-lo de preconceito racial de marca:

Considera-se como *preconceito racial* uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é *de marca* (grifos do autor).

Mudanças de comportamento são necessárias, pois crianças sofrem as consequências até hoje das ideias racistas e preconceitos historicamente construídos e cotidianamente reificados. Como explica Ana Célia da Silva (2005, p. 22):

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver

comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações.

Crianças negras acabam internalizando preconceitos, abalando a autoestima e gerando mudanças comportamentais, tornando-se, em alguns casos, introspectivas. Segundo Antônio Olímpio de Sant'Ana (2005, p. 41) “o racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu”.

Nesse sentido, torna-se relevante a constante observação de como a produção literária infantil brasileira tem se preocupado com o tema do racismo. O próximo capítulo tem tal proposta.

### CAPÍTULO 3. ANÁLISE DAS OBRAS

A pesquisa foi realizada através da leitura e análise de vinte e dois livros de literatura infantil que foram arrecadados em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Curitiba e em acervos particulares. Para desenvolver a classificação no tocante ao pertencimento étnico-racial de autores e ilustradores, foi adotada a heteroclassificação: atribuição por parte da pesquisadora. Os demais aspectos também a serem observados como as características tipográficas dos textos, elementos de valorização afro-brasileira/africana, bem como as classificações dos livros por faixa etária foram definidos pela pesquisadora, considerando sua experiência como docente da educação infantil e seus estudos relacionados à Educação das Relações Étnico-Raciais.

A disposição das análises será apresentada da seguinte maneira: título; nome do autor ou autora e ano de publicação da obra; número de páginas; cor/etnia do autor ou autora; cor/etnia do ilustrador ou ilustradora; sinopse; análise (considerando os critérios apresentados na introdução dessa pesquisa).

Livro: **MENINA**



CULTURAL, Ciranda. **Menina**. New York: St Martin's, 2005.

**Número de páginas:** 22

**Cor/etnia do autor/a:** - - -

**Cor/etnia do ilustrador/a:** - - -

**Sinopse:** Livro para bebês, com chocalho, imagens e descrição das imagens, como, por exemplo: batendo palmas.

**Análise:** Nas fotografias aparecem doze meninas, sendo que apenas três possuem características fenotípicas negras, uma proporção baixa com relação às outras etnias. O conteúdo do livro são as meninas realizando diversas atividades, como a imagem ao lado, por exemplo, em que aparece a figura da criança comendo e a imagem do biscoito com dizeres explicativos.



**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em início de contato com as letras.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Bom

**Classificação:** 6 meses a 2 anos

Livro: **MENINO**



CULTURAL, Ciranda. **Menino**. New York: St Martin's, 2005.

**Número de páginas:** 22

**Cor/etnia do autor/a:** - - -

**Cor/etnia do ilustrador/a:** - - -

**Sinopse:** Livro para bebês, com chocalho, imagens e descrição das imagens.

**Análise:** Nas fotografias aparecem doze meninos, três meninos são loiros, três são negros, dois são amarelos e quatro são pardos. O conteúdo do livro são os meninos manuseando alguns objetos, brinquedos ou realizando alguma atividade como, por exemplo, tirando meias. A imagem ao lado, por exemplo, é de um bebê mamando e sua mamadeira, com dizeres explicativos referentes às imagens.

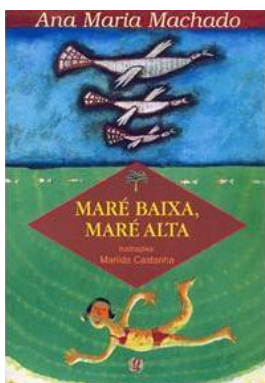


**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em início de contato com as letras.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Bom

**Classificação:** 6 meses a 2 anos

Livro: **MARÉ BAIXA, MARÉ ALTA**



MACHADO, Ana Maria. **Maré baixa, maré alta**; ilustrações de Marilda Castanha – 4. ed. – São Paulo: Global, 2002.

Obs: 1ª edição 1994.

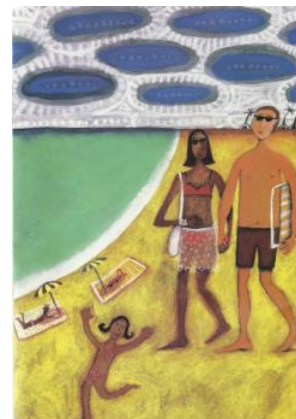
**Número de páginas:** 16

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** História de uma menina, a Luísa, que vai à praia com seus pais (mãe negra e pai branco). Passam o dia divertindo-se das mais variadas atividades, como: fazendo castelo de areia, nadando, brincando, enfim, aproveitando o passeio na praia. Nele aparecem pessoas de diversos pertencimentos étnico-raciais no cotidiano típico de um dia na praia, ou seja, vendendo água de coco, picolé, brincando de vôlei e tirando fotos.

**Análise:** As ilustrações são bem coloridas e grandes. O livro contribui para a construção positiva da identidade da criança, composta por uma família multirracial. Eles aparecem felizes em relação ao ambiente em que se encontram.



**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **FALANDO BANTO**



GASPAR, Eneida D. **Falando banto**; ilustrações de Victor Tavares. - 1ª ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

**Número de páginas:** 28

**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** Já no início do livro há uma dedicatória: “Este livro é dedicado a você, criança brasileira, que fala essa língua tão bonita, com tantas palavras vindas da África”.

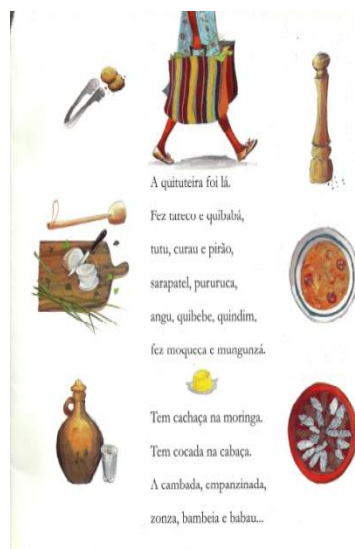
Livro de poemas que possuem palavras de origem banto. No fim do livro há um glossário com o significado das 148 palavras ou expressões utilizadas nos poemas. São elas: “Neném bagunceiro”, “Forrobodó”, “Quitutes”, “Macaco sarapantado”, “Mutreta fuleira”, “Meu cafofo”, “Nana nenê”, “Zanzando por aí”, “Batucada” e “Fuxico no mato”.

**Análise:** O livro apresenta evidentes características paradidáticas, pois nos poemas predomina mais o caráter informativo (para que o leitor conheça algumas

palavras africanas que são utilizadas na língua portuguesa) do que propriamente estético-literário. Nele também aparecem alguns costumes e a cultura brasileira que estão vinculados com a África, desde as vestimentas, danças, comidas e palavras. É uma referência para as crianças brasileiras conhecerem a origem e os significados das palavras, porém algumas palavras de origem banto não são muito utilizadas no cotidiano, o que dificulta um pouco a leitura e compreensão dos poemas, pois em vários momentos é necessário consultar o glossário existente no final do livro.

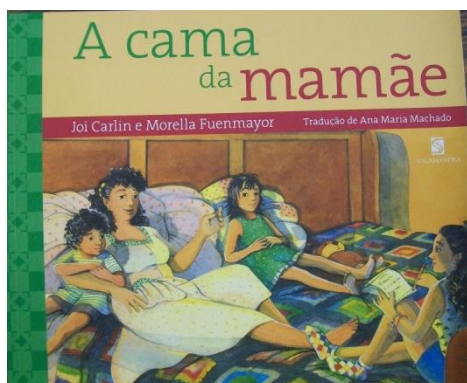
As ilustrações que fazem referência aos poemas são bem coloridas e com personagens com características fenotípicas diversas.

**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.



**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana: Bom**  
**Classificação: 5 a 9 anos**

Livro: **A CAMA DA MAMÃE**



CARLIN, Joi. **A cama da mamãe**; ilustrações de Morella Fuenmayor; tradução de Ana Maria Machado; - São Paulo: Salamandra, 2009.

Título original: La cama de mamá.

Publicado originalmente em 1989, Caracas, Venezuela.

Obs: autora canadense e ilustradora venezuelana.

**Número de páginas: 30**

**Cor/etnia do autor/a: ---**

**Cor/etnia do ilustrador/a ---**

**Sinopse:** O enredo apresenta a história de uma família composta por três irmãos e a mãe, todos com características fenotípicas negras. No livro não aparece a figura paterna, mostrando uma composição familiar em que a mãe é a mantenedora da casa e dos filhos. Aparecem no enredo brincadeiras de faz-de-

conta que as crianças fazem na cama da mamãe, desde imaginar que a cama é elástica até mesmo uma estação espacial. Na cama também acontecem reuniões de família ou apenas a mamãe fica descansando sossegada.

No decorrer da narrativa, aos poucos e por diversas razões, as crianças vão, uma a uma, deitando-se e dormindo na cama da mamãe durante a noite. Finaliza dizendo “que não tem cama melhor que a cama da mamãe”.

**Análise:** O ambiente retratado revela um lar feliz. Nas ilustrações aparece o interior da casa, mais especificamente do quarto da mamãe. Uma das ilustrações é das crianças brincando com seus amigos, brancos e amarelos. A obra explora o relacionamento afetivo entre mãe e filhos e de modo implícito o fortalecimento da identidade das crianças da casa que se identificam com a mãe.

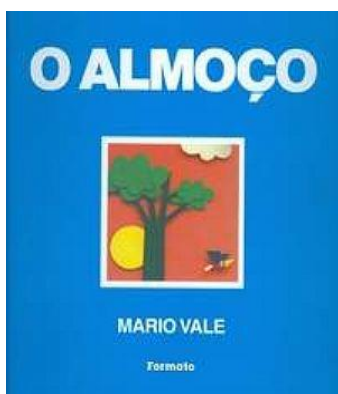


**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **O ALMOÇO**



VALE, Mario. **O almoço** – 10. ed. – São Paulo: Saraiva, 2009. (Coleção Conte outra vez)

Obs: publicado originalmente em 1987

**Número de páginas:** 8

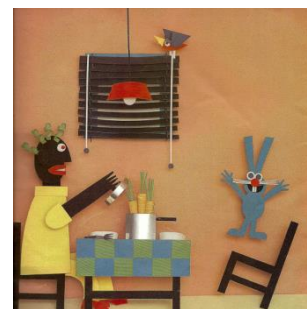
**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** Narrativa visual em que o personagem central é um rapaz que vai até o jardim, vê um buraco no chão, enfia sua mão e captura um coelho, arrastando-o pelas orelhas até sua casa. Em seguida o personagem aparece preparando o almoço na cozinha, com a panela fechada. Quando a refeição está pronta, leva a panela até a mesa e, surpreendentemente, serve cenouras para ele e para o coelho que está muito feliz esperando-o sentado à mesa.

**Análise:** É um livro-imagem, em que as crianças podem criar hipóteses e estimular a imaginação.

As imagens são gráficas, confeccionadas com cartões coloridos, recortados, colados e montados para então serem fotografados. Não é um bom livro no ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana, pois a imagem do personagem protagonista é estereotipada, chegando a possuir traços grotescos.



**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ruim  
**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **O MENINO, O JABUTI E O MENINO**



PACHECO, Marcelo. **O menino, o jabuti e o menino** – São Paulo: Panda Books, 2008.

**Número de páginas:** 36

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** Texto híbrido (verbal e não verbal). No início do livro aparece, através de imagens, um jabuti triste.

Ele encontra um menino brincando e os dois tornam-se amigos. Na sucessão das imagens, o menino vai crescendo, fica jovem, depois adulto e vai envelhecendo cada vez mais com o jabuti sempre a segui-lo. O cenário ao fundo, composto por carros e prédios, também vai mudando no decorrer das páginas, demonstrando que com o passar do tempo as coisas vão se modernizando. Quando o menino, que já está idoso acaba falecendo, o jabuti vai até seu túmulo levando uma flor, com o pensamento de amor e saudade de seu amigo. Mais tarde, o jabuti está andando solitário e triste quando conhece um outro menino e logo tornam-se amigos. No fim do livro está escrito: “Os jabutis vivem uns 80 anos. Alguns, porém, chegam a viver uns cento e tantos. Os meninos costumam durar bem menos. Já a amizade, meus amigos, é para sempre”.

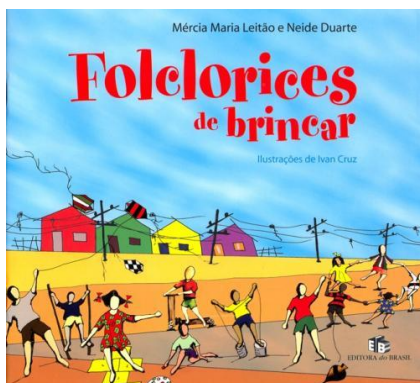


**Análise:** No livro, aparece o chão amarelo e o

céu é azul em todas as páginas. O que chama a atenção é o fato das demais ilustrações serem pintadas na cor preta (prédios, carros, árvores, postes e inclusive o menino e o jabuti). Assim, embora não seja possível categorizar que necessariamente os meninos do enredo sejam negros, a representação gráfica da cor da pele deles sendo preta, aliada aos cuidados no traçado das expressões faciais as quais não se revelam grotescas ou com traços de estereotípias, proporciona uma ideia positiva de ressignificação da cor preta como representação de personagens humanas.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo  
**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **FOLCLORICES DE BRINCAR**



DUARTE, Neide; LEITÃO, Mércia Maria. **Folclorices de brincar**; ilustrações de Ivan Cruz. – São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

**Número de páginas:** 32

**Cor/etnia do autor/a:** Branca / Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** Livro de poesias, respectivamente: Cirandinha; Pião; Amarelinha; Bolinha de sabão; Cabra-cega; Peteca; Gude; Patinete; Cata-vento; Pipa; Pulando corda e Pelada. Os temas dos poemas remetem ao resgate dos brinquedos e brincadeiras das gerações passadas, promovidos através da linguagem artística.

**Análise:** Todas as ilustrações são do artista Ivan Cruz, com recurso inovador de representação das personagens já que as crianças que aparecem brincando não possuem olhos, boca e nariz, e as tonalidades de pele são variadas. O artista faz suas esculturas em bronze patinado, material que reproduz nitidamente a impressão de serem crianças negras. No livro aparecem essas esculturas na primeira página e na contracapa. São elas: “Jogando bola”, 2000; “Andando de pé na lata”, 2000; “Pulando amarelinha, 2000; “Andando de perna de pau”, 2000 e



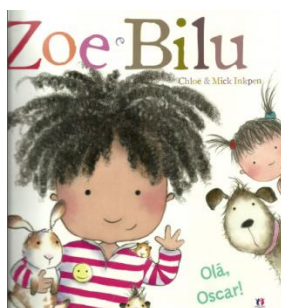
“Andando de patinete”, 2000. As demais ilustrações do livro são de acrílico sobre tela e fazem menção às brincadeiras de raízes folclóricas e do mundo multicultural em que vivemos.

**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **ZOE E BILU**



INKPEN, Chloë; INKPEN, Mick; **Zoe e Bilu**. Ciranda Cultura; 2012.

Obs: autores ingleses

**Número de páginas:** 32

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** História de Zoe, uma garota que junto com seu cão de estimação, Bilu, começam a achar no fundo do seu quintal, um a um, vários animais (dois porquinhos-da-índia, uma tartaruga, um camaleão e um papagaio). De repente o papagaio começa a cumprimentar, dizendo: “–Olá, Oscar!”. Zoe tenta ensinar diversas vezes o seu nome para que ele a cumprimente corretamente, mas o papagaio sai voando e repetindo a mesma frase, até que ela perde a calma e grita: “–Meu nome não é Oscar! É Zoe! Zoe! Zoe!”. Então, de um buraco da cerca do quintal sai o Oscar, cumprimentando Zoe e explicando que estava com o Bilu. Oscar é um menino negro com “muitos cachinhos de um cabelo enrolado”, como diz no livro. A história termina com os dois tornando-se amigos.

**Análise:** Belas ilustrações e um enredo engraçado que mostram como é boa a companhia dos animais de estimação e a importância de se conhecerem novas pessoas e fazer amizade. As características fenotípicas das personagens humanas são positivas, incluindo a representação visual do menino negro que tem os cabelos crespos.



**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em processo de alfabetização.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **MENINAS NEGRAS**



COSTA, Madu. **Meninas negras**; ilustrações de Rubem Filho. 2. ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

**Número de páginas:** 24

**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** Meninas negras descrevem as personalidades e preferências de três meninas:

- Mariana, que é alegre e sonhadora, gosta de mar e rio, como seu nome, e aprendeu na escola que os negros “vieram da África como escravos” e seu sonho é atravessar o Oceano Atlântico para encontrar “a mãe África linda e livre”.
- Dandara, que é linda e de sorriso aberto. Gosta de animais e aprendeu com a professora sobre a África e suas terras. Ela viaja com a imaginação vendo “girafa, elefante, tigre e leão” nas nuvens.
- Luanda, que “dança como ninguém e aprende o que lhe convém”. Aprendeu na escola sobre a Cultura Africana. Ela tem “o som na alma negra [...] dança sua história, menina feliz”.

**Análise:** Percebem-se no enredo as características individuais de cada menina, os seus gostos e a elevada autoestima de todas, tanto quanto o fato do seu reconhecimento de suas ascendências, pertencimento étnico-racial e as influências trazidas pelo povo africano. É apresentado no enredo questões que estão sendo ensinadas na escola, como: História do povo africano (como e de que forma os negros foram trazidos para o



Brasil), Geografia da África (paisagens e animais africanos) e Artes (Cultura africana repassada através de sons e danças).

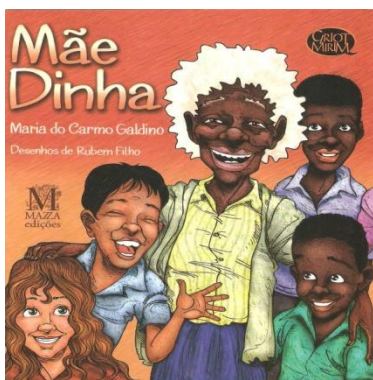
Verifica-se um erro no enredo da história, o que não permitiu uma melhor avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana: um trecho nas páginas 12 e 13, refere-se a Dandara querer ter animais de estimação africanos e aparece a personagem pintando um tigre de bengala no chão, porém esse animal não vive na África e sim na Ásia.

As ilustrações são bem coloridas e as meninas possuem traços fenotípicos negros não estereotipados e aparecem felizes em relação ao ambiente em que se encontram.

**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em processo de alfabetização.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Bom  
**Classificação:** 5 a 9 anos

Livro: **MÃE DINHA**



GALDINO, Maria do Carmo. **Mãe Dinha**; ilustrações de Rubem Filho. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

**Número de páginas:** 24

**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** Mãe Dinha é uma velhinha com cabelos brancos “de nuvem”. Ela faz merendas gostosas, conhece e conta histórias e cantigas, sabe segredos para curar gripes, tosse comprida e ferimentos. Enfim, “nenhum mal resistia aos seus bons tratos”. Também inventa brinquedos feitos de sabugo de milho, chuchus e pedrinhas. Ela é uma mulher que “tinha mais, herança de mãe Tereza, trazida da África. Herança de fortaleza, herança de alegria, herança de amor, herança de dores...”.

Há no livro uma ilustração de Jean Baptiste Debret, um pintor francês que fez parte da Missão Artística, foi convidado por Dom João VI, uma gravura intitulado



“Mulata a caminho do sítio para as festas de Natal”. Nela aparecem seis mulheres negras caminhando em direção a um sítio, carregando embrulhos e objetos, e, duas crianças, todas andando enfileiradas.

**Análise:** O enredo é rico em informações sobre a Cultura Africana e Afro-brasileira, passadas de geração a geração. Possibilita conhecimento sobre o pertencimento étnico-racial e contribui para a formação da identidade pessoal da criança negra, tanto quanto a valorização da influência dos costumes trazidos pelos africanos.

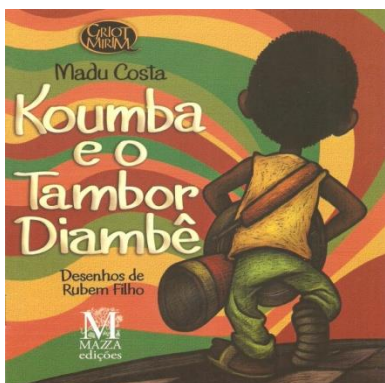
Nas ilustrações aparecem personagens com traços fenotípicos negros não estereotipados, em diversas situações do cotidiano, com imagens alegres e paisagens interioranas.

**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em processo de alfabetização.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **KOUMBA E O TAMBOR DIAMBÊ**



COSTA, Madu. **Koumba e o Tambor Diambê**; ilustrações de Rubem Filho. 2. ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

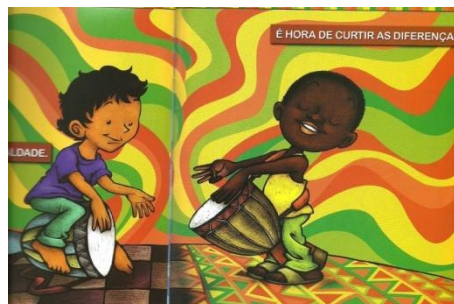
**Número de páginas:** 24

**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** Koumba é um menino negro que toca o diambê (tambor toca seu coração). Ele sai pelas ruas da cidade alegremente espalhando a canção do povo negro que veio da África e que ecoou por todo o Planeta. Koumba diz “É tarde... é tarde... acorda, minha gente! É hora de cantar a igualdade. É hora de curtir as diferenças”.

**Análise:** No livro aparece o continente africano com sua divisão política/geográfica, o nome de todos os seus países, desconstruindo o falso conceito que muitas pessoas possuem de que a África é um país e não um continente.



As ilustrações são bem coloridas e seus personagens com traços fenotípicos negros aparecem positivamente em relação ao ambiente em que se encontram.

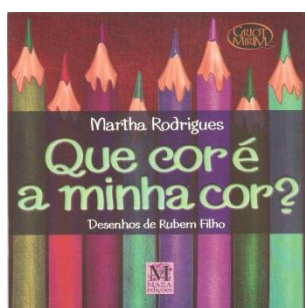
O texto enfatiza a influência da cultura africana nas expressões artísticas e a necessidade da superação do racismo e preconceito. Devido a tal ênfase, predomina na obra um caráter didático sobre o estético-literário e nesse sentido a sua classificação o exclui de uma lista de obra literária.

**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em processo de alfabetização.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ruim

**Classificação:** 5 a 9 anos

Livro: **QUE COR É MINHA COR?**



RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?**; ilustrações de Rubem Filho. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

**Número de páginas:** 24

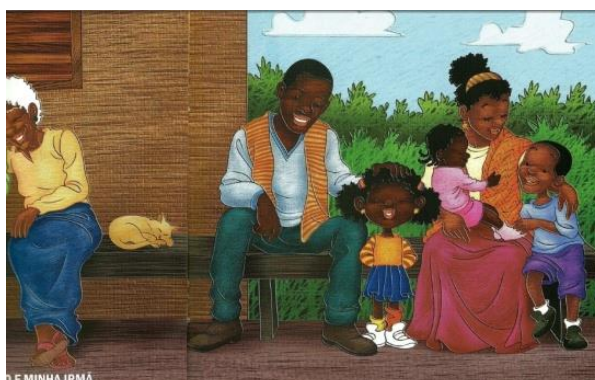
**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** História de uma menina que questiona sobre “que cor é a minha cor?”. Ela vai propondo desafios para que o leitor possa encontrá-la, através da pergunta “Você sabe onde estou?”, então descreve as cores de folhas de amendoeira no outono, as pintas de jaguar, a madeira de sua cama, enfim, comparando-as com as cores e brincando de se camuflar diante de tantas opções de cores iguais a sua.

No final do livro ela diz “toda gente brasileira: soma de muitas raças. Diferentes etnias, misturadas ao longo do tempo... tempo... tempo... índios, portugueses, negros, italianos, japoneses, holandeses... esta gente brasileira”.

**Análise:** As ilustrações são bem coloridas e os personagens possuem traços fenotípicos negros não estereotipados e aparecem felizes em relação ao ambiente em que se encontram.



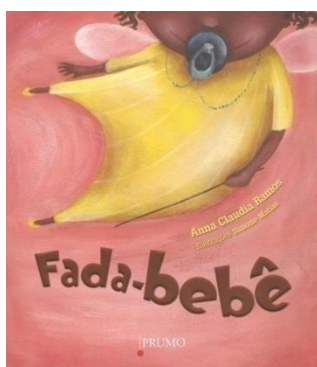
É um livro que tenta promover a superação do racismo e discriminação racial, a conscientização de que somos uma nação multirracial. Aparece a composição familiar, seus avós, pais e irmãos. Há uma representação positiva do negro, do pertencimento étnico-racial e fortalecimento da autoestima. Porém, o tom enfatizado na ideia de mistura das raças associa-se ao discurso de uma democracia racial e do exotismo. Além disso, predomina um discurso paradidático, o que prejudica a qualidade estético-literária da obra.

**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em processo de alfabetização.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ruim

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **FADA BEBÊ**



RAMOS, Anna Claudia. **Fada bebê**; ilustrações de Simone Matias. – São Paulo: Prumo, 2011.

**Número de páginas:** 32

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** A história é sobre fada-anjo, ou seja, quando nasce um bebê, nasce junto com ele uma fada-bebê que o acompanha sempre. Quando nasceram os gêmeos Elisa e Lucas (ela negra como o pai e ele branco como a mãe), nasceu também a Beloca, a fada-bebê. O problema é que no caso de gêmeos deveriam ter nascido duas fadas-bebê. No decorrer do enredo, Beloca fica em apuros ao cuidar dos gêmeos sozinha, pois Lucas é calmo e Elisa é agitada. Beloca desenvolve seus poderes de voar e usar a varinha conforme o desenvolvimento do Lucas, mas a Elisa aprendeu a engatinhar e andar antes que o irmão, fazendo com que a fada-bebê ficasse muito cansada e em situações complicadas. Tudo se resolve quando aparece a rainha das fadas para ver o que aconteceu com Beloca, que chorava por não ter conseguido impedir que os gêmeos caíssem ao disputarem um brinquedo. A rainha das fadas pega sua varinha mágica e começa a falar palavras super esquisitas. Então nasce uma nova fada-bebê, a Belinha, que se reveza com a Beloca nos cuidados da Elisa e do Lucas.

**Análise:** As ilustrações são bem delicadas e aparecem imagens de uma família multirracial e os cuidados e afetos transmitidos dos pais para seus filhos. O livro auxilia na superação de preconceitos e discriminações, pois não predomina na obra um discurso apelativo relacionando essa multirracialidade da família à democracia racial.

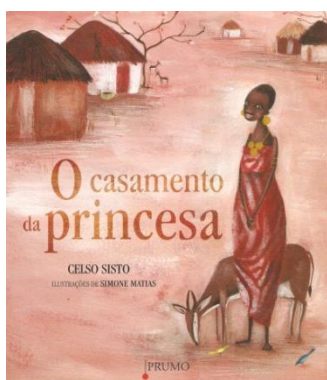


**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 5 a 9 anos

Livro: **O CASAMENTO DA PRINCESA**



SISTO, Celso. **O casamento da princesa**; ilustrações de Simone Matias. – São Paulo: Prumo, 2009.

**Número de páginas:** 32

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** Conto popular da África Ocidental sobre uma princesa, a Abena, a mais linda do mundo. Seu pai queria casá-la e a notícia espalhou-se. Apareceram na aldeia dois pretendentes, o Fogo e a Chuva, e, no mesmo instante em que a princesa prometia casar-se com a Chuva, o rei conversava com o Fogo e prometeu casá-lo com Abena. Quando pai e filha conversaram a respeito do casamento, ficaram preocupados com a confusão, mas também não podiam quebrar suas promessas. Então o rei organizou uma disputa para casar a princesa com o vencedor da corrida. No dia marcado, o Fogo e a Chuva começaram a correr, mas a princesa torcia pela Chuva, pois seu coração estava enredado por ele. Na disputa o Fogo estava na frente e de repente começou a chover forte, o Fogo apagou-se e a Chuva ganhou a corrida, casando-se com a princesa e todos comemoram dançando. Desde aquele dia “o Fogo e a Chuva tornaram-se inimigos mortais”.

**Análise:** Nas ilustrações aparecem as paisagens geográficas do Ocidente da África e as imagens dos personagens possuem as características fenotípicas dos africanos daquela região.



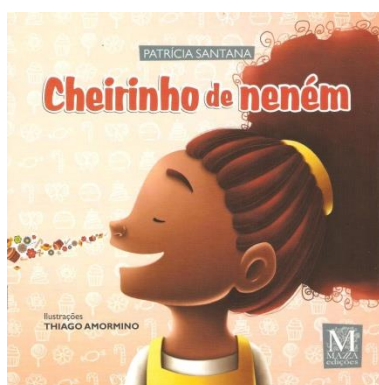
Através de contos populares africanos, pode-se conhecer e promover a valorização da cultura, superando a transmissão do ideário do branco europeu em que só existem príncipes e princesas brancos e com olhos claros.

**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 5 a 9 anos

Livro: **CHEIRINHO DE NENÉM**



SANTANA, Patrícia. **Cheirinho de neném**; ilustrações de Thiago Amormino. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

**Número de páginas:** 24

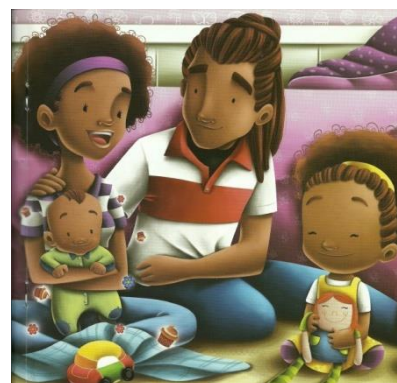
**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** Iara é uma menina que fica muito feliz com o nascimento de seu irmão, o Abayomi. Ela não tem sentimentos egoístas de exclusividade de atenção dos pais, pois gosta de ficar próxima do irmão e sentir seu cheirinho de neném, cheirinho “de alecrim do campo, cheirinho de chuva na terra, cheirinho de açúcar caramelado”.

**Análise:** As ilustrações são delicadas e revelam uma família que se ama e é feliz. Os personagens são bem retratados do ponto de vista da valorização estética negra.

O enredo revela-se de fácil de compreensão



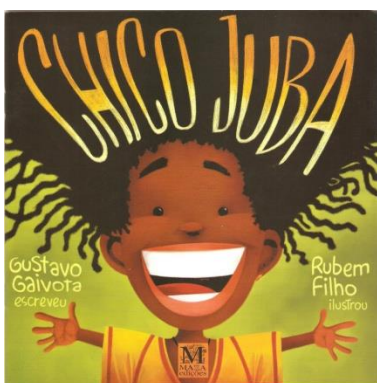
por parte de crianças pequenas. Além disso predomina na trama os laços de amor e as relações de afeto de uma família, o acolhimento e os cuidados de uma irmã.

**Características tipográficas:** O texto é escrito em caixa-alta, favorecendo a leitura feita por crianças em processo de alfabetização.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **CHICO JUBA**



GAIVOTA, Gustavo. **Chico Juba**; ilustrações de Rubem Filho. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

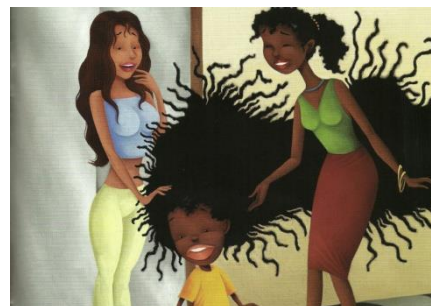
**Número de páginas:** 24

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** Chico Juba era um inventor que tinha uma enorme cabeleira que tentou mudar durante muito tempo. Para mudar os cabelos ele inventava xampus dos quais não obtinha resultados desejados. Inventou: xampu de dente-de-leão, que deixou seus cabelos tão leves e soltos que acabaram esvoaçando seus fios ao vento; xampu de sabão de coco, que deixou seus cabelos brancos; de terra roxa e ingredientes secretos, que fez nascerem raízes em sua cabeleira; de bateria eletrizada, que deu choque; de pó de ouriços que os deixou duros e espetados; de mulher, que o deixou com voz fina; e de neném, que o fez borrar as calças. Depois de tantos desastres, Chico Juba aceitou seus cabelos do jeito que são e “passou a inventar moda!”.

**Análise:** As ilustrações são bem coloridas e engraçadas, assim como o enredo. A aceitação das características físicas, nesse caso específico, a textura dos cabelos crespos é a temática do livro, fazendo com que crianças que possuem cabelos crespos, ao lerem ou escutarem a história, se identifiquem, valorizando-se e estimulando o fortalecimento da autoestima.

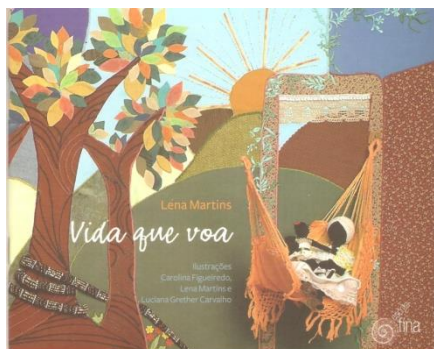


**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **VIDA QUE VOA**



MARTINS, Lena. **Vida que voa**; ilustrações de Carolina Figueiredo, Lena Martins e Luciana Grether Carvalho. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

**Número de páginas:** 32

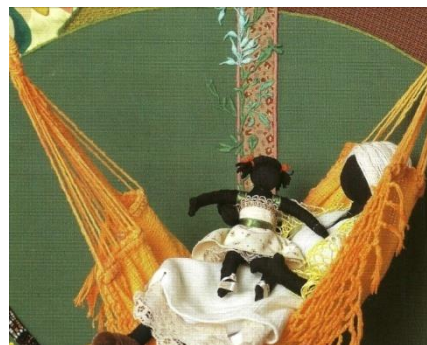
**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra / Branca / Branca

**Sinopse:** No Jardim Boiúno, num vale ao pé da montanha onde moram cobras grandes, avó e neta conversam sobre pássaros e borboletas, ao mesmo tempo em que se embalam na rede da sala. A neta Isadora faz curiosas perguntas para a sua avó, que as responde uma a uma. No final da história a neta explica para a avó que gente também “tem asa” e voa no embalo da rede.

**Análise:** O livro possui um enredo simples e delicado, em um momento em que avó e neta observam a “vida que voa” e trocam carinho entre si.

As ilustrações são artesanais, feitas com tecidos costurados e bordados, formando painéis com paisagens da montanha, com cobras, lua, borboletas e pássaros, e, também têm as bonecas negras Abayomi sentadas na cadeira de balanço ou na rede, que faz parte da cultura africana. A cor das personagens humanas é preta e proporciona um efeito agradável em relação ao cenário já que cada elemento é também, como as personagens, artesanal.

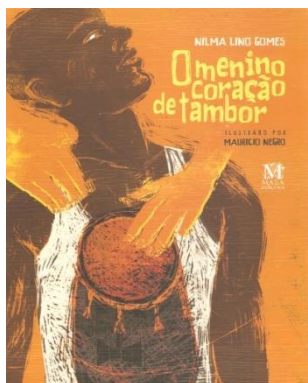


**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

Livro: **O MENINO CORAÇÃO DE TAMBOR**



GOMES, Nilma Lino. **O menino coração de tambor**; ilustrações de Maurício Negro. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

**Número de páginas:** 32

**Cor/etnia do autor/a:** Negra

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** Conceição estava grávida e a criança seria muito amada. Ela era mãe de cinco filhos, mas a atual gravidez era diferente, pois sentia que o coração do bebê vibrava conforme ela ouvia “uma boa música” ou quando participava de uma festa. Morava em Diamantina, Minas Gerais, onde a tradição musical era passada de pais para filhos, como: o samba, o Congado, festas e bailes. Conceição sentia que o coração do bebê acompanhava de forma compassada o pandeiro, o violão e o saxofone que seu pai José, Zé dos Passos do Sax, tocava. Ao nascer, recebeu o nome de Evandro Passos e conforme ia crescendo foi se dedicando em “estudar, cantar, dançar e tocar instrumentos musicais variados”. Então se tornou bailarino e seu coração pulsa ao acompanhar a vibração dos atabaques e o ritmo dos tambores.



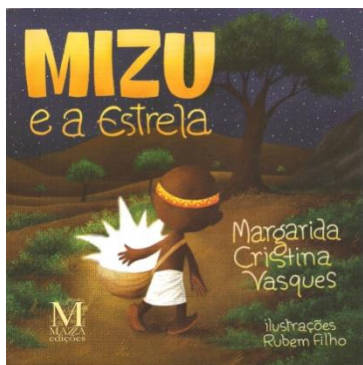
**Análise:** As ilustrações são modernas, com cores fortes e variadas. Para confeccionar as imagens o ilustrador usou a técnica de pigmentos naturais, monotipias e recursos digitais.

O enredo é sobre o amor à família e a música. Os ritmos, sons, festas e danças são elementos das expressões artísticas trazidos pelos africanos, repassados de pais para filhos. A história promove influência e a valorização da cultura afro-brasileira, porém o texto fica muito na questão do ritmo, tornando um pouco cansativa a leitura, o que não permitiu uma melhor avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana.

**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana: Bom**  
**Classificação: 5 a 9 anos**

Livro: **MIZU E A ESTRELA**



VASQUES, Margarida Cristina. **Mizu e a estrela**; ilustrações de Rubem Filho. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

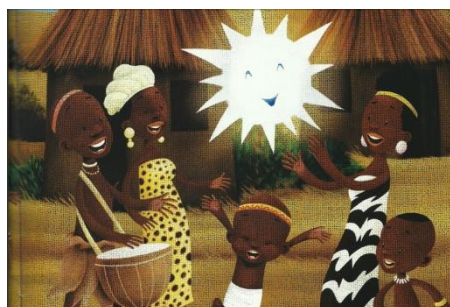
**Número de páginas:** 24

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Negra

**Sinopse:** O narrador, Bambô, conta a história de Mizu, que se passa no país de Zimbábue, em meio às savanas, com grandes rios e do povo Shona. Mizu mora em uma cabana de palha com sua família, que trabalha na lavoura e cuida de cabras e galinhas. Um dia ele levantou bem cedo e saiu correndo pela planície, subiu no topo de uma árvore e observou Sirius, uma estrela de brilho intenso. Decidido, o menino pegou a estrela, mas ela caiu no chão e ele também caiu. Para sua surpresa, ouviu os gemidos de Sirius e começaram a conversar, explicando que a levaria para sua aldeia em que seria “cuidada como uma flor de areia”. Os dois se tornaram amigos próximos e Sirius admirava as brincadeiras, a pesca, a caça e ouvia histórias contadas embaixo da árvore do baobá, mas quando chegava a noite seu coração apertava e ficava triste. Mizu viu o brilho da estrela diminuir e decidiu deixá-la retornar. Colocou a estrela em uma cesta, voltou a subir no galho da grande árvore e devolveu-a para o céu, sem despedidas. Desde então a estrela acompanhou o menino, que também contemplava a estrela. Mizu cresceu e viveu muitos anos, formando sua própria família e construindo sua cabana. Quando estava bem velho a “sua vida apagou-se deste mundo”. O narrador completa a história dizendo que a noite ao olhar para o céu procurando Sirius, parece haver uma outra luz a brincar ao seu lado.

**Análise:** As ilustrações são das paisagens do país de Zimbábue, possibilitando as crianças leitoras conhecerem os elementos da cultura africana, o modo de vida do povo Shona e as características locais daquela

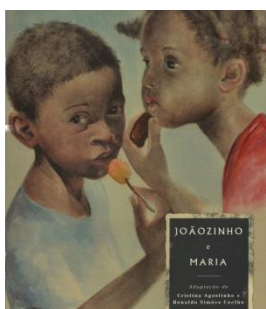


região. As personagens apresentam traços suaves. Na última página do livro há um glossário com o significado das palavras africanas usadas na história.

**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo  
**Classificação:** 5 a 9 anos

Livro: **JOÃOZINHO E MARIA**



COELHO, Ronaldo Simões. **Joãozinho e Maria** / adaptação: Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho; ilustrações de Walter Lara. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

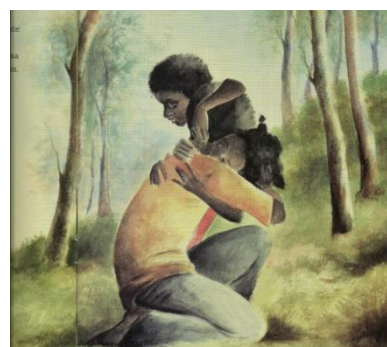
**Número de páginas:** 16

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** Adaptação do Clássico da Literatura Infantil, sobre duas crianças que moram com o pai e a madrasta, na floresta. Eles passavam fome e a madrasta mandava as crianças buscar frutas longe de casa para que se perdessem. Numa das vezes eles não conseguiram achar o caminho de volta e acabaram achando uma casa feita com doces. Nela morava uma bruxa que se alimentava de crianças. Joãozinho foi pego pela bruxa e preso em uma gaiola. Maria foi obrigada a acender o fogo, mas fingiu não conseguir abrir o forno, e, quando a bruxa se aproximou, ela empurrou-a para dentro. Todos os feitiços se quebraram e tudo sumiu. Os irmãos foram encontrados pelo pai que disse ter arrumado um emprego de guarda florestal, se separou da madrasta e “nunca mais iriam passar dificuldades na vida” e viveriam “juntos e felizes”.

**Análise:** Os personagens são negros e nascidos no Brasil, mais especificamente na Serra da Mantiqueira. No enredo e nas ilustrações aparecem elementos e características da fauna e flora local, como frutas (goiaba e jabuticaba) e pássaros (maricatas, tucanos, periquitos, saracuras e juritis), bem como da região da Serra de Minas Gerais (citando a cachoeira Véu da Noiva e o Pico das Agulhas Negras).



Ao ambientar o enredo de um clássico europeu para o contexto brasileiro, as crianças conseguem se aproximar dos personagens, com suas características físicas que são representadas positivamente, estimulando o fortalecimento da autoestima e a superação do preconceito de raça.

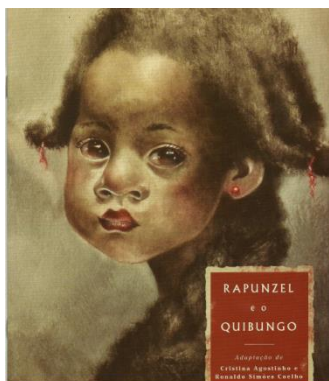
As ilustrações são belas, com pinturas que parecem reais.

**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.

**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

#### Livro: **RAPUNZEL E O QUIBUNGO**



COELHO, Ronaldo Simões. **Rapunzel e o Quibungo** / adaptação: Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho; ilustrações de Walter Lara. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

**Número de páginas:** 16

**Cor/etnia do autor/a:** Branca

**Cor/etnia do ilustrador/a:** Branca

**Sinopse:** Adaptação do Clássico da Literatura Infantil sobre uma princesa chamada Rapunzel, que nasceu na Bahia e tinha cabelos muito compridos. Aos sete anos Rapunzel foi brincar e cantar na beira da Lagoa do Abaeté, quando Quibungo, bicho papão de cabeça grande e buraco nas costas para comer crianças, raptou-a e prendeu-a no alto de uma castanheira, obrigando-a a cantar só para ele. Anos depois, o príncipe Dakarai que caçava passou por ali, ouviu o canto de Rapunzel e ficou espiando. Ele viu Quibungo chegar trazendo em uma cesta comida (mandioca, peixe e farinha) e a linda moça jogou suas tranças presas em um cipó, por onde o monstro subiu. Quando o monstro foi embora, o rapaz chamou Rapunzel e a convenceu de deixá-lo subir e levou para ela uma cesta com frutas (coco, cupuaçu, cajá, umbu e graviola) e um colar de sementes coloridas, prometendo que no outro dia iria salvá-la. Mas Quibungo chegou antes e viu o colar no pescoço da princesa, cortou suas tranças e usou-as para deixar o príncipe subir. Ao chegar no topo, o monstro empurrou-o e Rapunzel correu até a janela para avistar Dakarai e esbarrou no monstro que despencou e “estourou em mil pedaços fedorentos”. A moça desceu

para ajudar o rapaz e suas lágrimas curaram suas feridas. Ele levou Rapunzel embora dali, para morar perto do seu povo e viveram juntos.

**Análise:** Os personagens são todos negros. As crianças conseguem se aproximar dos personagens através do contexto da história se passar no Brasil. Livro que contribui para a construção da identidade pessoal e o pertencimento étnico-racial. Percebem a existência de príncipes e princesas que não são brancos e com olhos claros e através da representação do personagem Quibungo, há a promoção da cultura afro-brasileira.

As ilustrações são belas, com pinturas que parecem reais.

**Características tipográficas:** No que se refere à leitura do texto, o tipo de fonte (caixa-baixa) dificulta a leitura por parte de crianças em processo de alfabetização, cabendo a um adulto fazê-la.



**Avaliação do ponto de vista de valorização afro-brasileira/africana:** Ótimo

**Classificação:** 3 a 8 anos

## **CAPÍTULO 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Este capítulo está organizado em duas partes. A primeira relata um breve estudo exploratório realizado com a leitura de algumas das obras analisadas para crianças da educação infantil e a segunda parte proporá uma interpretação sobre os resultados da análise dos livros da amostra.

### **4.1 Estudo exploratório**

Inicialmente serão contextualizadas as informações sobre os livros do CMEI e posteriormente os livros dos pesquisadores da área. Anteriormente à abordagem dos resultados sobre os livros analisados, a proposta inicial é de apresentar uma breve análise da realidade da biblioteca de um Centro Municipal de Educação Infantil do município de Curitiba. O interesse nessa análise refere-se a minha atuação docente no CMEI localizado no bairro Cajuru, considerado periferia de Curitiba. A instituição de educação infantil atende a 150 crianças em idade entre 3 meses a 5 anos moradoras da comunidade. Nele é realizado, há alguns anos, um projeto chamado “Literatura em casa”, em que os objetivos são: proporcionar um momento de lazer para a família; estimular a prática da leitura em casa; fomentar o gosto pela leitura; familiarizar a criança com os diferentes gêneros literários; estimular a capacidade delas de ouvir e compreender.

O projeto funciona com sacolas individuais e personalizadas por sala. São enviados para as crianças, todas as sextas-feiras, um livro de literatura infantil indicado para sua faixa etária, e seus pais são responsáveis pela leitura no final de semana e a devolução do mesmo na segunda-feira seguinte. O livro é substituído na semana seguinte por outro e as crianças ficam ansiosas para levar para casa a sacola. É comum ver as crianças saindo do CMEI tirando o livro da sacola e pedindo para que seja lido o livro quando chegarem em casa.

Dos 483 livros arrecadados no acervo no CMEI, apenas nove possuíam personagens negros centrais e/ou na capa. Percebe-se que há muitos livros de boa qualidade que foram adquiridos nas compras de materiais didáticos e pedagógicos, porém ainda permanecem à disposição das crianças coleções de má qualidade, denominada por Araujo (2010) de “toscas”:

Identifico 'livros de coleções toscas' ou qualidade duvidosa aqueles que compõem coleções como 'Animais da fazenda', 'Dinossauros', 'Virtudes', e outras adaptações de obras clássicas editadas em material inadequado, sem o cumprimento dos requisitos mínimos estipulados para um livro literário, como exigem, por exemplo, [...] o PNBE. [A inadequação refere-se, por exemplo, a] uma qualidade material ruim, edições sem revisão textual, além de enredos pobres (ARAUJO, 2010, p. 112; 58).

Em relação à temática étnico-racial fica clara a defasagem na abordagem dos livros pesquisados e arrecadados. São muitas as editoras que compõem o quadro do acervo do CMEI, como, por exemplo: Ciranda Cultural, Salamandra, Ática, Paulus, Brinque-Book, Vale das Letras, Richmond Educação, Prumo, Editora do Brasil, Abril, Melhoramentos, Companhia das Letrinhas, entre outras. Mas as que contemplam a temática da pesquisa foram: Ciranda Cultural, Global, Pallas, Salamandra, Saraiva, Panda Books e Editora do Brasil. Contextos como esse têm sido problematizados por outros estudos, apontando a dificuldade ou resistência de parte do mercado editorial brasileiro em difundir a publicação com a temática. Para Araujo (2010), isso se relaciona ao pertencimento étnico-racial dos grupos que dominam esse mercado:

Ao interpretar as formas simbólicas responsáveis pela produção/reprodução de ideologias, é importante uma atenção redobrada para as nuances envolvidas neste processo, e uma delas é o fato de que houve – e há – uma assimetria também na produção e veiculação literária (e midiática como um todo). Em outras palavras, os grupos sociais que produzem a cultura midiática nem sempre têm identificação com os grupos sociais aos quais se referem em suas obras (ARAUJO, 2010, p. 64).

Dos livros arrecadados para a pesquisa através de pesquisadores da área, percebe-se que as editoras que publicam livros referentes a essa temática vem demonstrando mais intimidade e comprometimento com as relações étnico-raciais, são: Prumo, Escrita Fina e Mazza Edições, sendo que esta última, segundo informações de seu site, está realizando a três décadas publicações com temas sobre as culturas brasileira e afro-brasileira.

No CMEI a compra de livros de literatura para as crianças é feita com o dinheiro repassado pela Prefeitura Municipal de Curitiba através da Descentralização, um repasse direto às unidades de recursos financeiros na educação em que são investidos na compra de material de consumo, reforma e conserto. No início do ano é realizada uma reunião para a elaboração do Plano de

Ação, e no decorrer do ano são feitos Planos de Aplicação Bimestral com o Conselho Escolar do CMEI e Associação de Pais, Professores e Funcionários (APPF) para a destinação da verba da Descentralização.

Então é chamada uma empresa para fazer a exposição de livros e após a escolha faz-se uma relação dos títulos selecionados pela equipe de profissionais de educação infantil e encaminhados para a equipe pedagógica do Núcleo Regional de Educação autorizar a compra dos livros selecionados. Depois de aprovados são realizados três orçamentos e comprados os livros da empresa que apresentou o menor orçamento.

Os títulos adquiridos ampliam o acervo do CMEI e a necessidade de cada sala, a variedade de livros expostos é grande, porém é mínimo ou quase nulo os livros que possuem protagonistas ou imagens de negros.

Pensando nisso, levei para a diretora e pedagoga os livros que arrecadei com pesquisadores da área para que conhecessem o material de boa qualidade no tocante à valorização da diversidade étnico-racial e com enredo adequado à faixa etária da educação infantil. Elas reagiram com fascínio e anotaram os nomes dos livros com a temática étnico-racial, prontificando-se em adquirir para o CMEI em uma próxima compra.

Alguns livros do CMEI são recebidos através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que os distribui para os alunos levando em consideração determinada etapa de ensino. Esse acervo faz parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que tem como objetivo garantir aos profissionais da escola e aos alunos, o acesso à cultura, à informação e o estímulo à leitura, através do encaminhamento de obras literárias.

A pesquisa teve um segundo enfoque quando a pesquisadora utilizou os livros com a temática étnico-racial angariado para realizar um estudo explanatório de leitura com as crianças. Foram lidos dez livros: Koumba e o Tambor Diambê; Que cor é a minha cor?; Fada bebê; O casamento da princesa; Cheirinho de neném; Chico Juba; Vida que voa; Mizu e a estrela; Joãozinho e Maria; e, Rapunzel e o Quibungo.

Foi realizada a leitura dos livros para as crianças da turma em que a pesquisadora lecionava (maternal III, com faixa etária de 3 a 4 anos de idade), por aproximadamente um mês. Nesses momentos de leitura as crianças sentavam-se no tapete da sala e quando todos estavam acomodados, diante da pesquisadora, que

pegava a sacola em que estavam guardados os livros e lia o título de cada um e mostrava a capa dos mesmos. Então, as crianças observavam as imagens das capas e escolhiam a história a ser lida através de votação (erguendo as mãos).

Uns pediam a história do “monstro” (Rapunzel e Quibungo), outros da “bruxa” (Joãozinho e Maria), pediam a história do “neném” (Cheirinho de neném), da “princesa” (O casamento da princesa) e assim por diante. Mas os mais pedidos foram os dois livros adaptados dos Clássicos da Literatura Infantil, Rapunzel e Quibungo e Joãozinho e Maria, cuja história ocorre no Brasil.

Outro livro bem aceito pelas crianças foi o Cheirinho de neném, pois sempre que terminava de contar a história, ouvia relatos e conversávamos sobre não usar mais chupeta, mamar em mamadeiras e algumas crianças têm irmãozinhos bebê que fazem coco na fralda e não têm cheiro bom.

As crianças escutaram as histórias sem demonstrar estranhamento ao ver imagens com personagens negros. Elas aproveitaram os momentos de fruição e posteriormente à leitura e conversavam sobre a história em si, seja sobre o tema central ser o nascimento de um irmãozinho na família ou realizar experiência em criar xampus, por exemplo.

Cada história que contava e recontava gerava assunto para uma conversa, algo que as crianças queriam compartilhar. Não fazia perguntas específicas. Eles simplesmente terminavam de escutar uma história e já surgia um relato. Pude perceber que as crianças ficavam atentas e demonstravam reações de alegria ou medo, conforme o enredo do livro.

## **4.2 As obras literárias**

Os estereótipos negativos quase não apareceram nas obras literárias publicadas recentemente que foram analisadas. Atualmente percebe-se a presença de famílias multirraciais, como nos livros “Maré baixa, maré alta” e “Fada-bebê”, por exemplo. Outros contextos familiares, com vínculos de afetividade aparecem nos livros “A cama da mamãe”, “Vida que voa”, “O menino coração de tambor” e “Cheirinho de neném”.

Relações de amizade surgem nos livros “O menino, o jabuti e o menino” e “Zoe e Bilu”. Já a promoção da Cultura Afro-brasileira e Africana está nos livros

“Meninas negras”, “O casamento da princesa”, “Falando banto”, “Mãe Dinha” e “Mizu e a estrela”.

A valorização dos traços fenotípicos fazem-se presentes nos livros “Chico Juba” e “Que cor é a minha cor?”, e, também através das adaptações dos Clássicos da Literatura Infantil, como “Joãozinho e Maria” e “Rapunzel e o Quibungo”.

No livro “Folclorices de brincar” faz-se o resgate de antigas brincadeiras com imagens de crianças com vários tons de pele, nesses contextos, possibilitando com que elas se identifiquem nas ilustrações. A mesma identificação é possível nos livros “Menina” e “Menino”.

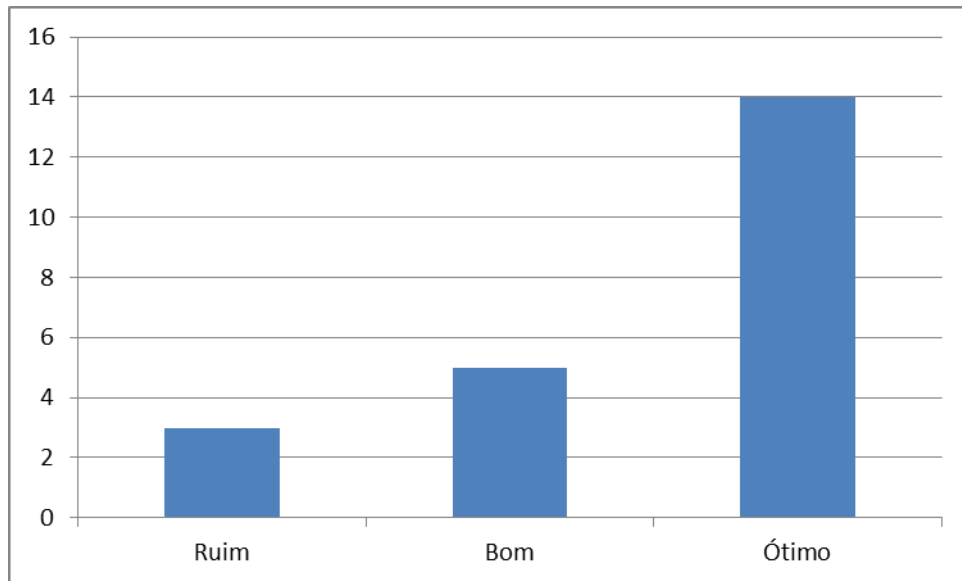
Com a história de “Chico Juba”, além de estimular a imaginação através de diversas experiências engraçadas que o protagonista realiza, outro ponto é a valorização das características fenotípicas do negro, com seus cabelos crespos.

No livro-imagem “O almoço” o protagonista aparece com traços grotescos e estereotipados e mesmo tendo um enredo engraçado, não é um bom referencial para as crianças quanto às características fenotípicas negra.

“Koumba e o Tambor Diambê” tem um discurso paradiático, pois o autor escreve com o pretexto de ensinar sobre o Continente Africano com sua divisão política/geográfica e tentando conscientizar para o fim do racismo, mas é feita de forma militante.

Esses são alguns fatores pelos quais se percebe que ocorreram algumas mudanças positivas com relação a produção e publicação de livros de literatura infantil com a temática étnico-racial, pois em comparação com a pesquisa de Araujo e Silva (2012) é possível verificar uma relativa melhora no contexto de representação dos personagens negros nas obras avaliadas. Ao passo que dentre as 37 obras analisadas por Araujo e Silva (2012) dezesseis foram avaliadas como ruins e seis como ótimas, na presente pesquisa a proporção de livros ótimos aumentou, já que foram analisados 15 livros a menos. O gráfico a seguir apresenta os resultados dessa última análise.

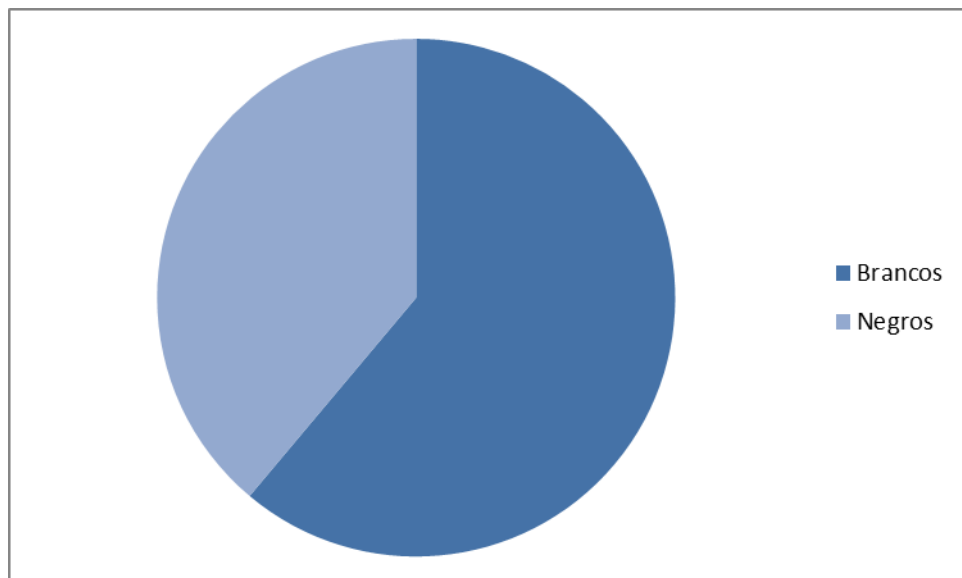
GRÁFICO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS OBRAS



FONTE: Elaboração da autora

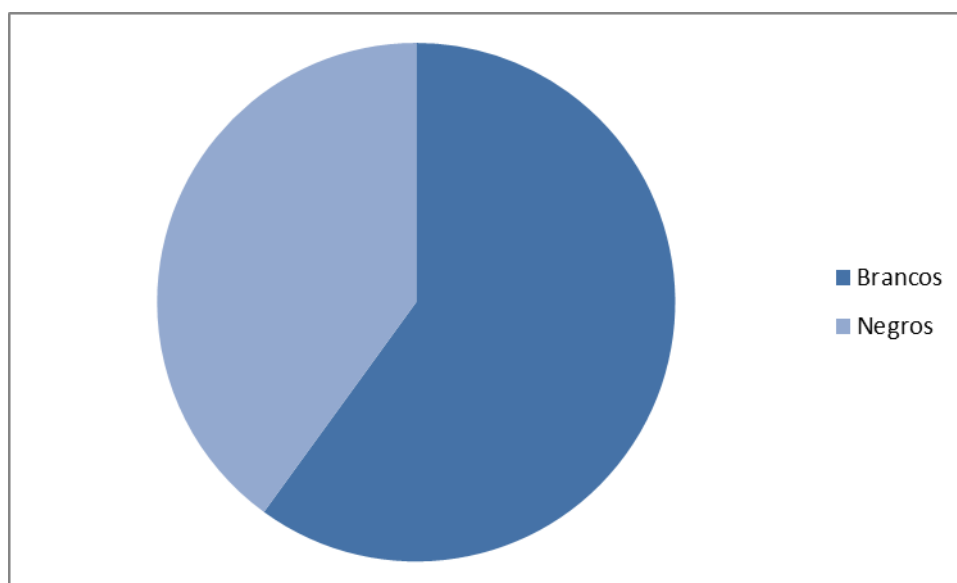
Em relação ao pertencimento étnico-racial dos autores e ilustradores também foi possível verificar uma diminuição na desproporção entre brancos e negros da pesquisa de Araujo e Silva (2012).

GRÁFICO 2 – COR/ETNIA DOS AUTORES



FONTE: Elaboração da autora

GRÁFICO 3 – COR/ETNIA DOS ILUSTRADORES

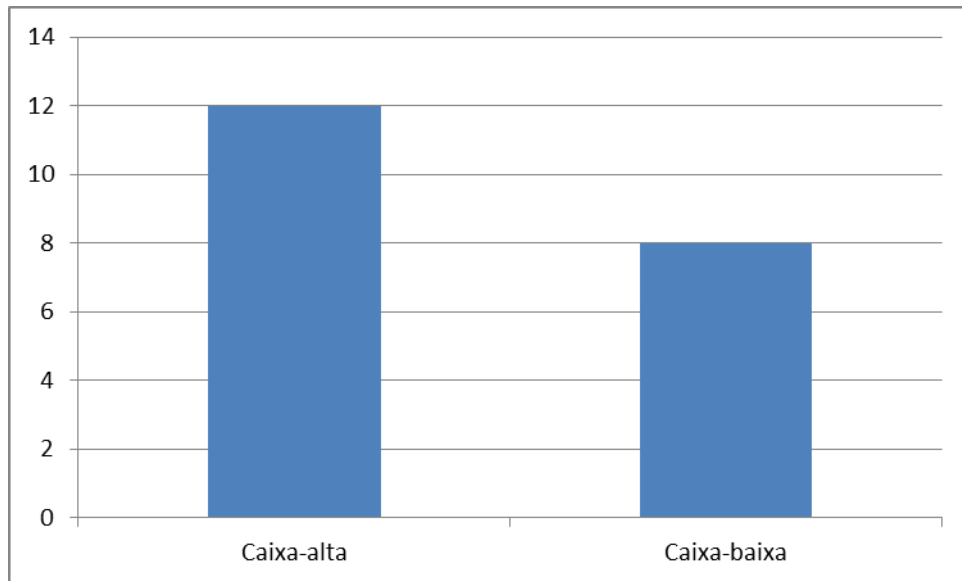


FONTE: Elaboração da autora

Nota: Não foi possível identificar fotografia da autora e ilustradora do livro “Cama da mamãe” para incluir nos gráficos.

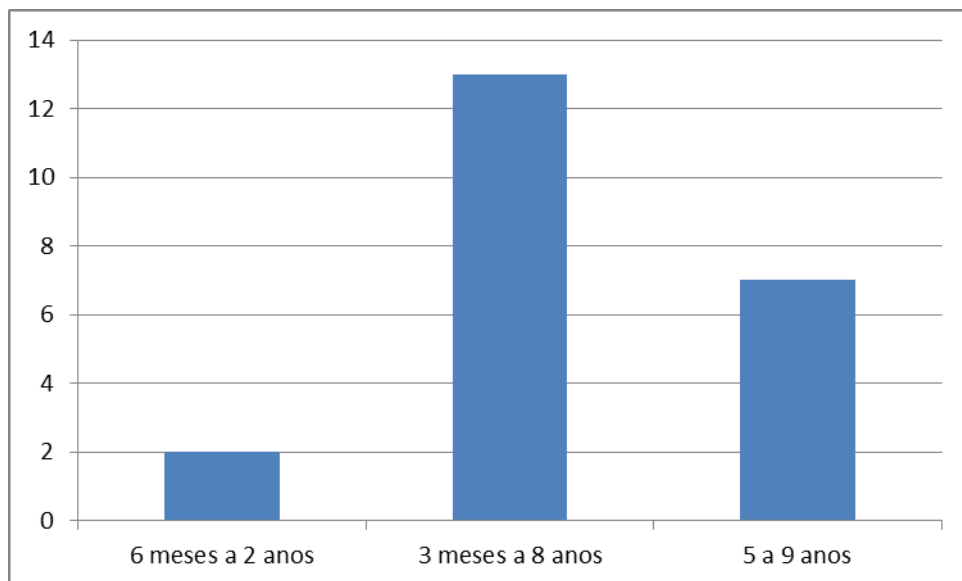
Um elemento prejudicial já identificado por Araujo e Silva (2012) predominou na análise das obras da presente pesquisa: a inadequação do texto escrito ao público infantil. Predominou nas obras o uso de letras caixa-baixa e caixa-alta, característica que dificulta o processo de alfabetização das crianças. Também foi incidente a alta quantidade de obras que extrapolaram a faixa etária da educação infantil, e muito disso deve-se à combinação das fontes minúsculas e maiúsculas somado à quantidade de páginas e grau de dificuldade das tramas. Assim, os dois gráficos a seguir buscam demonstrar tal contexto.

GRÁFICO 4 – CARACTERÍSTICAS TIPOGRÁFICAS DAS OBRAS



FONTE: Elaboração da autora

GRÁFICO 5 – CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DAS OBRAS



FONTE: Elaboração da autora

Outro elemento comparativo entre a referida pesquisa e a de Araujo e Silva (2012) relaciona-se ao ano de publicação das obras. Enquanto que nas análises de da autora e do autor tenha ficado evidente que “quanto mais antiga a obra que apresenta personagens negras, mais chances ela tem de trazer estereótipos negativos e racismo implícito ou explícito” (ARAUJO; SILVA, 2012, p. 211), nessa pesquisa esse contexto não pôde ser verificado, já que todas as obras têm suas publicações localizadas nas primeiras décadas do século XX.

LIVRO	EDITORA	ANO
Menina	Ciranda Cultural	2005
Menino	Ciranda Cultural	2005
Maré Alta, maré baixa	Global	2002
Falando banto	Pallas	2007
A cama da mamãe	Salamandra	2009
O almoço	Saraiva	2009
O menino, o jabuti e o menino	Panda Books	2008
Folclorices de brincar	Editora do Brasil	2009
Zoe e Bilu	Ciranda Cultural	2012
Meninas negras	Mazza Edições	2010
Mãe Dinha	Mazza Edições	2007
Koumba e o Tambor Diambê	Mazza Edições	2009
Que cor é minha cor?	Mazza Edições	2006
Fada bebê	Prumo	2011
O casamento da princesa	Prumo	2009
Cheirinho de neném	Mazza Edições	2011
Chico Juba	Mazza Edições	2011
Vida que voa	Escrita Fina	2011
O menino coração de tambor	Mazza Edições	2013
Mizu e a estrela	Mazza Edições	2012
Joãozinho e Maria	Mazza Edições	2013
Rapunzel e o Quibungo	Mazza Edições	2012

QUADRO 1 – RELAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS, EDITORA E ANO DE PUBLICAÇÃO

FONTE: Organização da autora

Analisando o QUADRO 1, pode-se observar que a maioria dos livros foram publicados posterior à aprovação da Lei 10.639/2003 que alterou os artigos 26A e 79B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa análise, pudemos compreender a necessidade de frequência de livros para o público infantil com personagens protagonistas negros que promovam a igualdade entre os indivíduos, sem hierarquização racial entre brancos e negros, valorizando todas as raças e etnias e sendo um instrumento de combate ao preconceito e ao racismo.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (BRASIL, 1998, p. 143).

O objetivo estabelecido de atualizar a pesquisa de Araujo e Silva (2012) foi atingido em partes, já que é necessário levar em conta que a quantidade de livros avaliados naquela pesquisa foi maior do que na presente pesquisa: numa relação de 37 para 22 livros. Outro fator que conferiu variabilidade nas análises foram os critérios de classificação, já que no estudo de Araujo e Silva (2012) foram utilizadas cinco escalas (ruim razoável, bom, muito bom e ótimo) e nesse estudo foram três escalas (ruim, bom e ótimo). Mas em um panorama geral, pôde-se verificar um aumento na quantidade de livros ótimos. Na mesma lógica houve aumento na quantidade de livros avaliados como bons (que, na presente pesquisa, reuniria o que o estudo anterior subdividiu em “bom” e “muito bom”) e diminuição nos livros classificados.

Sobre esse último dado, reitera-se a hipótese defendida por Araujo e Silva (2012) de que a aprovação da Lei 10.639/2003 “exerceu influência nas mudanças ocorridas nos últimos anos na produção literária brasileira” (ARAUJO; SILVA, 2012, p. 217), embora seja importante relativizar que o aumento seja necessariamente a garantia de qualidade.

A literatura infantil com a temática das relações étnico-raciais começou a romper com a propagação secular da cultura eurocêntrica em nossa sociedade, o que pode possibilitar a ampliação dos conhecimentos da cultura afro-brasileira e

africana por parte de crianças negras e brancas, pois a ambas foi negada essa informação. A diversidade de representação dos variados grupos étnico-raciais enriquecem o ser humano.

Os livros infantis contribuem para a formação do ser humano, motivando reflexão e formando opiniões e difundindo valores. Também auxiliam na concepção do aprendizado diversos, nas formas de nos relacionarmos com as pessoas e nos valores impostos pela sociedade. Magaly Trindade Gonçalves (2000, p. 3) diz que a “literatura humaniza o homem e, por isso, tem condições de tornar mais harmoniosa a sociedade que se volta, com seriedade e respeito, para o texto literário”.

Há necessidade de se refletir, com o auxílio da literatura infantil, que mesmo havendo um discurso igualitário de que somos todos iguais enquanto seres humanos, infelizmente isso não condiz com a realidade, pois ainda existe a valorização da cultura eurocêntrica sobre as demais. As outras culturas ficam em segundo plano ou permanecem na invisibilidade.

A consciência da desigualdade racial começa a ganhar um pouco mais de espaço no conjunto da sociedade recentemente, a partir das denúncias efetuadas pelo movimento social negro e especialmente, pela divulgação de vários estudos e pesquisas sobre as desigualdades raciais no país. Uma boa parte destas incentivadas pelo clima da realização da Conferência Mundial da ONU (Organização das Nações Unidas) contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e a Intolerância ocorrida em Durban, na África do Sul, de 31 de agosto a 7 de setembro de 2001 (ROCHA, 2007, p. 35).

As culturas são diferentes, sendo que essas diferenças precisam ser respeitadas, afinal, o conhecimento e a informação combatem o racismo e o preconceito. A criança apropria-se aos poucos dos vários costumes e culturas presentes em nossa sociedade, conhecendo a diversidade e valorizando-a, pois o conhecimento não é homogêneo, ele é constante e heterogêneo, produz-se de forma diversificada por um mesmo grupo de crianças, pois há trocas e variações de assimilações no ensino-aprendizagem.

O livro infanto-juvenil pode, na veiculação de discriminações, atuar por transparência, retratando comportamentos identicamente observados na realidade social, ou recriar as discriminações socialmente existentes e veiculá-las através de modos de expressão que lhe são próprios (ROSEMBERG, 1984, p. 79).

É importante lembrar que os primeiros personagens negros retratados em livros infantis “não sabiam ler nem escrever, apenas repetiam o que ouviam, ou seja,

não possuíam o conhecimento considerado erudito e eram representados de um modo estereotipado e depreciativo” (JOVINO, 2006, p. 187).

Uma década já passou desde a implementação da Lei 10.639/2003, e algumas mudanças ocorreram para a adequação das suas exigências. Com isso, melhorou a qualidade dos livros e aumentou razoavelmente as publicações, mas ainda falta interesse real por parte de algumas editoras mais consolidadas no mercado editorial em contemplar obras literárias com temas sobre a diversidade sociocultural.

Verificamos também que após ser sancionada a Lei 10.639/03 foi possível observar mudanças no mercado editorial com relação a presença de personagens negros bem estruturados nas narrativas destinadas às crianças e aos jovens (BORGES, 2008). Ocorreram algumas mudanças, mas devido ao ano de aprovação da Lei outras mudanças poderiam ser vislumbradas. Identificamos ainda, um apreço às figuras femininas e valorização da estética negra (BORGES, 2008). As personagens negras que aparecem estão esteticamente bem colocadas nas ilustrações e aparecem felizes dividindo o espaço escolar com crianças brancas (OLIVEIRA, 2010, p. 142).

Foi verificado na fase de levantamento dos livros analisados que ainda é desproporcional a presença de personagens negros em livros de literatura infantil com relação aos personagens brancos. Outra questão observada é que muitos livros publicados, a grande maioria para o público infantil, são com personagens de animais e/ou em formato *pop up* (3D), sendo que para a faixa etária de 0 a 2 anos é ainda maior a preferência por publicações de livros 3D e também em materiais de fácil manuseio e higienização, como os em plásticos e tecidos.

Ainda as editoras e autores têm preferência por narrativas com características culturais de padronização do branco, sendo uma forma normatização, um tipo idealizado de comportamento e beleza para a sociedade.

[...] o homem branco adulto proveniente dos estratos médios e superiores da população é o representante da espécie, o mais frequente nas histórias, aquele que recebe um nome próprio, aquele que reveste da condição de normal (ROSEMBERG, 1984, p. 77).

A qualidade das obras que estão sendo publicadas aumentou, pois atualmente há editoras engajadas com a temática étnico-racial e outras editoras que começaram a publicar livros com personagens negros protagonistas, mas ainda é insuficiente a produção de livros com personagens negros. Como argumenta Paulo Vinicius Baptista da Silva (2007, p. 166):

Uma possível interpretação explicativa seria a dificuldade dos autores (também de ilustradores, revisores, etc., isto é, as equipes de produção) predominantemente brancos, de construir textos em que a sua própria condição racial não seja naturalizada.

A publicação e divulgação de livros com a temática racial auxiliam para conscientizar sobre a importância da diversidade no enriquecimento da nossa cultura, e é um dos meios para questionar e auxiliar no combate ao racismo e discriminação racial, porém ela não é imediata, mas é necessária, pois a sociedade mobilizada pode desconstruir padrões e ideias racistas.

As crianças interagem entre si e com adultos e é nessa relação de interação que acontece de forma espontânea ou dirigida, pelo professor em sala de aula, que acontecem as aprendizagens e trocas de conhecimentos, sendo desenvolvidas e estimuladas as potencialidades e habilidades, sempre levando em consideração suas especificidades cognitivas, sociais emocionais e afetivas.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas (BRASIL, 1998, p. 21).

Então, a literatura é um meio de conhecer e decifrar o mundo. Não há como saber ao certo até que ponto ela pode influenciar nosso pensamento e as mudanças significativas, podendo ocorrer resultados que variam de pessoa para pessoa.

Deve-se ter em conta que, por mais que se tenha a intenção de trabalhar com atitudes e valores, nunca a instituição dará conta da totalidade do que há para ensinar. Isso significa dizer que parte do que as crianças aprendem não é ensinado de forma sistemática e consciente e será aprendida de forma incidental. Isso amplia a responsabilidade de cada um e de todos com os valores e as atitudes que cultivam. (BRASIL, 1998, p. 52)

Sabe-se que a primeira etapa da educação básica, ou seja, a base da aprendizagem e desenvolvimento integral da criança ocorre na educação infantil e por isso que é importante proporcionar livros com personagens protagonistas negras. Assim, o professor ou educador estará contextualizando para as crianças questões que serão por ela assimiladas.

O Caderno Oralidade, da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, nos diz que:

Na formação de leitores, é imprescindível que, desde os primeiros anos de vida, as crianças tenham oportunidade de acesso a bons textos, dos clássicos aos modernos, considerando os diversos tipos e gêneros: contos de fadas, fábulas, mitos, lendas, aventuras, histórias de diferentes culturas e épocas (CURITIBA, 2008, p. 63).

Muito ainda tem que ser discutido sobre como estão sendo representados os negros, seja no enredo e/ou através das imagens nos livros de literatura infantil, para que possamos desconstruir estereótipos negativos da Cultura Afro-brasileira e Africana e a normas tidas como padrões a serem seguidos pela sociedade. A literatura infantil sendo rica em nuances e detalhes que inspiram pesquisas profundas na temática étnico-racial pode contribuir para essa desconstrução e nova formação processo de construção identitária das crianças, desse modo possibilitando a superação do racismo, do preconceito e da discriminação, para que sejam aos poucos eliminadas.

Encerrando esse estudo, apresento trecho de um documento que poderia servir de referencial para pais e professores selecionarem livros infantis para serem adquiridos e lidos para e pelas crianças.

#### **“Os livros infantis e a construção de um mundo melhor**

No decorrer do Ano Internacional da Criança, devemos, em primeiro lugar, nos empenhar em agir de modo que todas as crianças de todos os países saibam ler, e, em segundo lugar, de modo que lhes seja oferecida uma escolha variada e rica de livros adaptados às suas necessidades e aos seus interesses [...].

Algumas sugestões e princípios diretores:

- Livros fabulosos que deem às crianças livre curso à sua imaginação, que as conduzam aos ápices da criatividade artística ou que as engajem nas explorações científicas inimagináveis até o presente.
- Livros destinados a promover a amizade, a paz e a compreensão; livros que as familiarizem com pessoas que levam outros modos de vida; livros que lhes ofereçam uma imagem positiva e não estereotipada de diversos grupos e culturas étnicas; livros que lhe preparem para viver harmoniosamente em um mundo interdependente.
- Livros que lhes falem do seu próprio patrimônio étnico: história, mitos, lendas e folclore; livros escritos e ilustrados por pessoas possuidoras de um conhecimento íntimo de sua cultura particular, a fim de torná-las orgulhosas de seu grupo étnico e dar-lhes o sentido de sua própria identidade.
- Livros que, em reconhecimento do valor das diferenças culturais, acentuem, entretanto, os numerosos traços comuns a toda a humanidade; livros que lhes falem das necessidades e dos direitos fundamentais do homem; livros que lhes inspirem o cuidado para com a nossa terra, este pequeno planeta, único em seu gênero, no qual vivemos juntos.
- Livros que favoreçam a alfabetização; livros que sejam fáceis e interessantes, que ajudem os iniciantes e as crianças recentemente alfabetizadas a se exercitarem, até que possam ler corretamente.
- Livros que exercitem e despertem a curiosidade de espírito, de maneira a incitar os jovens a lerem e se instruírem cada vez mais.
- Livros que mostrem vários tipos de carreiras e que dispensem aos jovens leitores as competências e os instrumentos intelectuais e práticos dos quais eles precisarão para se satisfazerem.
- Livros que lhes façam compreender melhor a vida e os problemas de outrem e, em consequência, que lhes façam perceber, sobre um novo dia, sua própria vida e seus problemas.
- Bonitos livros de imagens que despertem sua sensibilidade, contos de fadas para ensiná-los a se maravilhar, histórias engraçadas para ensiná-los a rir, histórias emocionantes para ensiná-los a compaixão”.

(Declaração da União Internacional para os Livros da Juventude por ocasião do Ano Internacional da Criança *apud* ROSEMBERG, 1984, p. 105-106)

Ainda são poucos trabalhos acadêmicos publicados com a temática das Relações Étnico-Raciais, porém a cada nova pesquisa, surgem sempre novas indagações e questionamentos, pois nada está concluído e acabado. Muito ainda precisa ser repensado e publicado para que haja mudanças significativas.

## REFERÊNCIAS

### REFERENCIAIS DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

ARAUJO, Débora Oyayomi Cristina de; SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise de resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2011.

ARAUJO, Débora Cristina. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2010.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. A relevância em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira na educação infantil. **Africanias.com**, 05. 2014. Disponível em: [http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n\\_5\\_2014/jurandir\\_de\\_almeida\\_araujo.pdf](http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n_5_2014/jurandir_de_almeida_araujo.pdf). Acesso em: 06/09/2014.

ARENA, Dagoberto Buim; LOPES, Naiane Rufino. PNBE 2010: personagens negros como protagonistas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1147-1173, out./dez. 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 05/05/2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**, v. 1: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**, v. 3: Conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das Origens Indo-Europeias ao Brasil Contemporâneo**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 17. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Caderno pedagógico: Oralidade / Secretaria Municipal da Educação**. Curitiba: SME, 2008.

DIAS, Lucimar. **No fio do horizonte**: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, 2007.

AQUINO, Zélia Thomaz de; GONÇALVES, Magaly Trindade; SILVA, Zina Bellodi. **Estudos de literatura infantil**. Jaboticabal: Funep, 2000.

JACCOUD, Luciana. Racismo e república: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mario (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil. 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-juvenil com personagens negros. In: LIMA, Maria Nazaré; SOUZA, Forentina (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: Histórias e Histórias. 3. ed., São Paulo: Ática, 1987.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanfo-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. **Tempo Social**. Revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 287-308, novembro, 2006.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, Verediane Cíntia de Souza. **Educação das relações étnico-raciais e estratégias ideológicas no acervo do PNBE 2008 para educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2010.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Orgs.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ROCHA, Luiz Carlos Paixão da. Política educacional e a Lei 10.639/03: uma reflexão sobre a necessidade de superação de mecanismos ideológicos legitimadores do quadro de desigualdades raciais e sociais na sociedade brasileira. In: COSTA, Hilton; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da (Orgs.). **Notas de história e cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa: Editora UEPG/UFPR, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

SILVA, Paulo Vinicius B. da. Desigualdades raciais em livros didáticos e literatura infanto-juvenil. In: COSTA, Hilton; SILVA, Paulo Vinicius B. da. (Orgs.). **Notas de história e cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa: Editora UEPG/UFPR, 2007. p. 159-190.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ações Afirmativas e Diversidade Étnico-Racial. In: SANTOS, Augusto dos (Org.). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

#### **OBRAS ANALISADAS:**

CARLIN, Joi. **A cama da mamãe**; (ilustrações de) Morella Fuenmayor; tradução de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra, 2009.  
Título original: La cama de mamá.  
Publicado originalmente em 1989, Caracas, Venezuela.

COELHO, Ronaldo Simões; AGOSTINHO, Cristina. **Joãozinho e Maria**. adaptação: Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho; ilustrações: Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

COELHO, Ronaldo Simões; AGOSTINHO, Cristina Agostinho. **Rapunzel e o Quibungo** / adaptação: Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho; ilustrações: Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

COSTA, Madu. **Koumba e o Tambor Diambê**; desenhos de Rubem Filho. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

COSTA, Madu. **Meninas negras**; desenhos de Rubem Filho. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

CULTURAL, Ciranda. **Menina**. New York: St Martin's, 2005.

CULTURAL, Ciranda. **Menino**. New York: St Martin's, 2005.

GAIVOTA, Gustavo. **Chico Juba**; ilustrado por Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

GALDINO, Maria do Carmo. **Mãe Dinha**; desenho de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

GASPAR, Eneida D. **Falando banto**; ilustrações Victor Tavares. – 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **O menino coração de tambor**; ilustrações por Maurício Negro. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

INKPEN, Chloë; Mick, INKPEN. **Zoe e Bilu**. Texto e ilustrações de Chloë & Mick Inkpen; Ciranda Cultura; 2012.

LEITÃO, Mércia Maria; DUARTE, Neide. **Folclorices de brincar**; ilustrações de Ivan Cruz. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Maré baixa, maré alta**; ilustrações de Marilda Castanha – 4. ed. São Paulo: Global, 2002.

MARTINS, Lena. **Vida que voa**; ilustrações de Carolina Figueiredo, Lena Martins e Luciana Grether Carvalho. – 1. ed. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

PACHECO, Marcelo. **O menino, o jabuti e o menino**. São Paulo: Panda Books, 2008.

RAMOS, Anna Claudia. **Fada bebê**; ilustrações Simone Matias. São Paulo: Prumo, 2011.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?**; desenhos de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

SANTANA, Patrícia. **Cheirinho de neném**; ilustrador Thiago Amormino. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SISTO, Celso. **O casamento da princesa**; ilustrações Simone Matias. São Paulo: Prumo, 2009.

VALE, Mario. **O almoço**. – 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. (Coleção Conte outra vez).

VASQUES, Margarida Cristina. **Mizu e a estrela**; ilustrado por Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.